

BRUNA BAUMGARTNER

“A VELHICE NA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO COMPARATIVO”

Curso de Psicologia

Faculdade de Ciência Humanas e da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2011

BRUNA BAUMGARTNER

“A VELHICE NA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO COMPARATIVO”

Trabalho de conclusão de curso
como exigência parcial para a
graduação no curso de Psicologia,
sob orientação da Profa. Dra. Marina
Pereira Gomes.

Curso de Psicologia

Faculdade de Ciência Humanas e da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2011

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”

Cora Coralina

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo carinho, apoio e suporte incondicionais, além do investimento, financeiro e emocional, que possibilitam todas as minhas vivências e conquistas. Minha eterna gratidão é pouco para agradecer!

À Nadia, minha irmã, que sempre me proporciona momentos de alegria e risos incalculáveis, além das discussões enriquecedoras, que compartilha idéias e opiniões. Agradeço o apoio e o incentivo em todos os momentos, não me deixando desanimar (inclusive com este TCC).

À minha família e aos amigos que, cada um a sua maneira, que acompanham os meus passos, orientando, incentivando, torcendo e me proporcionando momentos de felicidade.

Às minhas amigas, Ligia Vertematte Rodrigues e à Mariana Cristina de Souza e Silva, que começaram comigo a aventura de Iniciação Científica, sem as quais não haveria dados para compor este TCC e nem motivação para isso, compartilhando opiniões e sugestões efetivas, mas muito mais do que isso, estiveram comigo nestes cinco anos de PUC, de longe ou de perto, e a quem eu sou muito feliz de ter encontrado no primeiro dia de aula.

À minha orientadora, Profa. Marina Pereira Gomes, que aceitou e respeitou a mudança do projeto inicial, e que mesmo não sendo o trabalho de sua preferência, me orientou da melhor maneira possível, sempre atenta a qualquer detalhe e disposta a oferecer ajuda. Agradeço pela paciência, compreensão e contribuições necessárias.

À Profa. Sandra Macedo Bettoi que proporcionou as condições para o gosto e motivação pela pesquisa, ensinando com competência, como fazer uma investigação científica e sua importância. Além disso, se mostrou sempre presente na IC com ajuda e sugestões necessárias. É com certeza peça inesquecível na minha formação.

À Profa. Regina Célia Gorodscy, à Profa. Ruth Gelehrter da Costa Lopes e à Profa. Yara Pisanelli Gustavo de Castro, cada uma com uma contribuição diferente em todo o processo de Iniciação Científica, mas que me orientaram com atenção e disponibilidade, sempre de forma competente. Fizeram o projeto de Iniciação Científica valer à pena e ser premiado!

Aos colegas da PUC, de modo geral, que me proporcionaram formidáveis e inesquecíveis cinco anos e, com certeza, também são elementos importantes na minha formação.

Aos colegas do Serviço de Neuropsicologia do Hospital Israelita Albert Einstein, que mesmo indiretamente, contribuíram muito para o término deste trabalho, mostrando-me novos pontos do trabalho científico e compreendendo sempre que necessário o tempo que eu precisava me dedicar a ele.

Bruna Baumgartner: A velhice na Universidade: um estudo comparativo, 2011

Orientador: Profa. Dra. Marina Pereira Gomes

Palavras-Chave: Psicologia do Envelhecimento, Concepções, Velhice, Relações Intergeracionais.

RESUMO

O fenômeno do envelhecimento é assunto em pauta nas discussões atuais, visto que está certa a transição demográfica da população. Deste fenômeno, emergem importantes questões relativas a esta faixa etária. Uma delas diz respeito às percepções e imagens que se tem acerca da velhice. Outro item relevante dentro desta temática relaciona-se ao fato de que, com o prolongamento do tempo de vida, o cenário social foi alterado: jovens e idosos, atualmente, convivem muito mais e com muito mais frequência em diversos espaços, o que faz essencial o estudo sobre o tipo de relação que essas pessoas estão travando. Diversos estudos sugerem o caráter psicossocial da auto-imagem, a qual se forma pela expressão de valores introjetados, o tema pode oferecer prognósticos importantes a respeito dos que são idosos e daqueles que serão, possibilitando a identificação de modos similares de pensar e de atuar em relação ao processo de envelhecimento. Foi objetivo, portanto, investigar se os significados da velhice são diferentes para três diferentes faixas etárias, ou seja, em diferentes momentos no processo de desenvolvimento. Para isso, foram analisados os resultados obtidos por três diferentes pesquisas de Iniciação Científica, através de uma análise qualitativa-quantitativa dos dados que foram obtidos. Tais pesquisas já realizadas abrangeram três segmentos etários de uma Universidade (alunos de Graduação, alunos de Pós-Graduação e Professores), que foram estudados e analisados separadamente. Os resultados sugeriram que as três faixas etárias possuem visões ambivalentes referentes ao envelhecimento. No entanto, certa diferença foi notada, de forma que as percepções dos alunos de Graduação em relação aos idosos estão mais centradas no pólo positivo, enquanto que as concepções dos alunos de Pós-Graduação encontram-se, levemente mais voltadas para o pólo negativo. Os professores, por sua vez, procuraram colocar imagens mais neutras acerca da velhice. Concluiu-se que na Universidade, no âmbito das relações acadêmicas intergeracionais estabelecidas, os encontros de diferentes segmentos etários são de grande valia, uma vez que os grupos que compõem a população universitária demonstram realismo frente ao envelhecimento.

SUMÁRIO

I- Introdução	07
II- Revisão de Literatura.....	11
1. Envelhecimento	11
2. Imagens da velhice e do idoso	21
3. Intergeracioalidade	26
III- Método	29
IV- Apresentação dos Dados	33
V- Discussão.....	61
VI- Considerações Finais	72
Referências Bibliográficas.....	74

I- INTRODUÇÃO

1.1. Justificativa Pessoal

Meu interesse pela temática do envelhecimento é anterior ao início da elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso, e foi sendo desenvolvido e crescendo ao longo da minha vida acadêmica.

Nos 3º e 4º semestres do curso de Psicologia, fui aluna dos dois módulos da disciplina obrigatória, Modelos de Investigação, ministrada pela Professora Sandra Macedo Bettoi. Nessa disciplina, além de sermos apresentados aos diversos modelos de pesquisa possíveis na Psicologia, fomos também treinados a elaborar um trabalho nos moldes científicos, desde o seu início até a sua conclusão. O trabalho era realizado por grupos de alunos; no meu caso, decidiu-se, conjuntamente, que seria realizada uma investigação acerca da auto-imagem de mulheres idosas frequentadoras e não-frequentadoras de Centros de Convivência para Terceira Idade. Investigou-se, nessa pesquisa, através de uma entrevista dirigida, se havia diferença significativa na auto-imagem desses grupos de mulheres, que variáveis estariam envolvidas e que categorias poderiam ser levantadas.

Tal experiência foi muito gratificante e importante em minha vida acadêmica, uma vez que além de participar de um processo de pesquisa desde o seu início, pude entrar em contato direto com os sujeitos participantes, o que configurou um momento de grande aprendizado e crescimento pessoal. Assim, este trabalho só aumentou o meu interesse em relação às características dessa fase da vida e à vontade de ampliar minha compreensão e reflexão acerca da velhice.

Posteriormente, com o sucesso do trabalho, iniciamos contato com as professoras Ruth Gelehrter da Costa Lopes e Regina Célia Gorodscy, juntamente com a professora Sandra Bettoi, para que um projeto de pesquisa de Iniciação Científica fosse desenvolvido com a temática do envelhecimento. Depois de algumas reuniões, decidimos o grupo dos alunos pesquisadores e o problema de pesquisa. Com duas colegas e três orientadoras formamos um grupo constante de supervisão e discussão sobre o andamento da pesquisa. Os trabalhos finais foram realizados com sucesso, sendo que foram premiados como Melhor Trabalho de 2010, no campo de Psicologia, pelo Encontro de Iniciação Científica da PUC-SP.

O projeto objetivou conhecer os significados da velhice para três diferentes faixas etárias que convivem, quase que diariamente, dentro de uma Universidade: professores idosos, alunos de graduação e alunos de pós-graduação. Estudar a velhice dentro da Universidade mostrou-se de extrema importância, uma vez que se trata de um micro-cosmos constituído de relações intergeracionais, representativa do que acontece nesse âmbito, a partir do fenômeno do envelhecimento: idosos, adultos de meia-idade e jovens, convivendo (e algumas vezes, concorrendo) em diferentes espaços.

No entanto, cada uma das faixas etárias foi estudada por uma aluna-pesquisadora diferente, de modo que, apesar de estarmos cientes dos resultados mais gerais, umas das outras, não foi realizado o cruzamento de nenhum dos dados obtidos, ou seja, as opiniões sobre a velhice dos professores não foi contrastada com a dos alunos de Graduação e de Pós-Graduação, e desta maneira, não se pôde fazer nenhuma consideração a respeito dos resultados parciais. A importância da comparação dos dados obtidos foi um aspecto levantado e questionado por alguns leitores do trabalho, que gostariam de saber mais acerca da temática do projeto.

1.2. Justificativa Teórica

Neste sentido, este Trabalho de Conclusão de Curso pretende responder a essas questões, considerando também que o envelhecimento populacional, atualmente, é um tema de discussões central em diversas áreas do conhecimento, uma vez que está clara e certa a transição demográfica da população que tende a viver mais.

No entanto, mesmo sendo um fato, a maioria dos territórios mundiais ainda tenta se adaptar a esta nova realidade, que vem acompanhada de muitas transformações e adaptações necessárias em diversas esferas da sociedade, evidenciando a importância social do tema, visto que embora o aumento da expectativa de vida indique certo progresso social, sua ocorrência provoca o aparecimento de novas demandas e novos problemas.

Neste contexto, a questão acerca da longevidade da vida mudou de foco, já que, apesar de continuar a se pensar o que fazer para prolongar a vida, a questão que ocupa lugar central é: qual a situação dessas pessoas que vivem/viverão mais? Configura-se, portanto, uma necessidade de refletir-se sobre essa fase da existência humana a fim de se chegar a medidas e políticas públicas para construção de novos sujeitos, com o desafio de transformar as idéias estereotipadas já existentes sobre o envelhecimento.

Muitos profissionais, de diversas áreas, se vêm envolvidos neste fenômeno e a Psicologia não fica de fora. Com o olhar deste campo do conhecimento, muito se tem a contribuir para

uma melhor qualidade de vida dos idosos e de mudança de atitudes quanto *e* nesta fase da vida. Assim, temas como percepções, saúde, funcionalidade, qualidade de vida, imagem e cuidado na velhice são campo de atuação do psicólogo.

O olhar da Psicologia também se revela importante, uma vez que, a velhice tem se mostrado como uma experiência não apenas individual, já que a sociedade lança um olhar sobre este fenômeno e há um lugar ocupado pelo idoso no imaginário social. Questionamentos acerca de como está sendo compreendido o envelhecimento também são diversos e ao que parece não está se preparando os indivíduos para esse processo.

Outro item relevante dentro desta temática relaciona-se ao fato de que, com o prolongamento do tempo de vida, o cenário social foi alterado: jovens e idosos, atualmente, convivem muito mais e com muito mais frequência em diversos espaços – dentro de casa, na rua, na escola, no trabalho – o que faz essencial o estudo sobre o tipo de relação que essas pessoas estão travando, o que pensam umas sobre as outras.

Estudar o envelhecimento sob o ponto de vista intergeracional se faz importante já que, além de escasso, o tema pode oferecer prognósticos importantes a respeito dos que são idosos e daqueles que serão, possibilitando a identificação de modos similares de pensar e de atuar em relação ao processo de envelhecimento, ao caracterizar os conhecimentos e crenças dos grupos sociais a respeito do mesmo.

1.3. Objetivo

Propõe-se aqui uma leitura dos modos de se ver as questões da velhice e do envelhecimento, no intuito de se vislumbrar categorias de ser-idoso. Em outras palavras, pretende-se investigar se os significados da velhice são diferentes para três diferentes faixas etárias, ou seja, em diferentes momentos no processo de desenvolvimento. O que se pode supor? Como o idoso se vê no processo de envelhecimento? Como a sociedade vê o idoso? O que vai mudando sobre os significados da velhice ao longo dos anos? O que se mantém?

Para isso, pretende-se analisar os resultados obtidos por três diferentes pesquisas de Iniciação Científica, através de uma análise qualitativa- quantitativa dos dados que foram obtidos. Tais pesquisas já realizadas abrangeram três segmentos etários, que foram estudados e analisados separadamente.

1.4. Estrutura do Trabalho

Com o objetivo de melhor entender o tema em questão, neste trabalho, o capítulo de revisão de literatura foi organizado em três seções principais. Na primeira, há uma

apresentação e organização a respeito do envelhecimento populacional e a importância do campo da Psicologia do Envelhecimento. Na segunda, constam elucidações a respeito das imagens atribuídas à Terceira Idade e aos indivíduos que a compõe. A terceira seção traz reflexões acerca da intergeracionalidade, apresentando os conceitos de gerações e posteriormente, as relações entre elas.

O Capítulo 2 explora a metodologia utilizada. Posteriormente, o Capítulo 3 expõe os resultados das pesquisas utilizadas, que são discutidas no Capítulo 4.

Por fim, as considerações finais são apresentadas no Capítulo 5, onde consta uma reflexão dos estudos, suas contribuições e sugestões.

II- REVISÃO DE LITERATURA

1. ENVELHECIMENTO

1.1. Envelhecimento Populacional

Dentre as inúmeras transformações e contextos vivenciados pela sociedade, atualmente, pode-se destacar o envelhecimento populacional como um proeminente fenômeno mundial que, por sua vez, é definido como um crescimento mais elevado da população idosa em relação aos demais segmentos etários, resultando uma porção mais representativa desse grupo no conjunto total da população, ou seja, um sinal que diz, por si só, que os indivíduos estão vivendo cada vez mais. Este crescimento e resultante alteração na estrutura demográfica, vêm se mostrando tão notável, a ponto da Organização das Nações Unidas (ONU), considerar o período de 1975 a 2025 como a “Era do Envelhecimento” (Souza, 2009).

Projeções estatísticas apontam que, no ano de 2050, a população mundial de idosos será igual à de jovens, sendo que a previsão é que no ano de 2020 existam cerca de 1,2 bilhão de idosos no mundo (Minayo, 2006), outrossim, é que a população considerada muito idosa também vem aumentando. Segundo Moraes e Costa (2010) “a probabilidade de uma pessoa viver 100 anos em quase toda a história da humanidade era de 1 para 21 milhões. Hoje, em países como a Suécia e o Japão, ela pode ser de 1 em 50 pessoas” (p.01).

Essa transformação demográfica vem fazendo com que temas relacionados aos idosos (indivíduos categorizados como tal a partir dos critérios estabelecidos pela sociedade), velhice (etapa do desenvolvimento humano) e envelhecimento (processo que tem suas particularidades físicas, psicológicas e sociais) sejam mais estudados, pesquisados e discutidos nas mais diversas áreas do conhecimento humano, uma vez que se trata de um campo que vem suscitando inúmeros novos questionamentos.

Idoso, para o Estatuto do Idoso Brasileiro, é todo indivíduo com 60 anos ou mais, que é o mesmo limite de idade considerado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para países em desenvolvimento, onde a expectativa de vida ainda permanece mais baixa, em comparação aos países desenvolvidos, nos quais a idade considerada marco inicial da velhice

é de 65 anos. No entanto, Mendes (2005) coloca que ser idoso é o resultado de um processo natural e progressivo da existência humana que possui como conseqüências

“(…)alterações morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas, ocasionando perda progressiva da capacidade do indivíduo de se adaptar ao meio ambiente, acarretando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos, que acabam por levá-lo á morte”. (Mendes, 2005, p. 423)

Paiva (2010) refere que o crescente aumento do número absoluto e relativo de idosos e também a maior quantidade de anos vividos são resultados de algumas novas condições que, ao longo do tempo, foram se transformando na sociedade, melhorando as condições de vida, e que diminuíram os índices de mortalidade “e, concomitantemente, aumentaram a expectativa de vida, fazendo crescer o contingente de pessoas que ultrapassam a idade madura e chegam à velhice sãs e com potencial de vida de ainda vários anos” (p.02).

Vários são esses novos contextos e fatores que foram surgindo e que desencadearam neste processo, mas vale pontuar alguns deles, como: crescente avanço e novas descobertas no campo científico e tecnológico, principalmente, relacionados à área da saúde, que acabaram por controlar muitas doenças tanto através dos métodos preventivos como da criação de melhores meios de tratamento e de cura, somados aos novos métodos de higiene e generalização de melhores condições sanitárias e alimentares, além das melhores condições ambientais, econômicas e na qualidade de vida nas sociedades modernas.

Além disso, Zimerman (2000) coloca que a redução da taxa de natalidade também contribuiu para o aumento do número de indivíduos idosos representando a população, uma vez que a maior disseminação de informações e conhecimento acerca de métodos contraceptivos, associados à maior qualidade e eficácia destes instrumentos, possibilitaram a redução no número de filhos e a conseqüente diminuição no número de nascimentos, outrossim, a inserção, cada vez maior, da mulher no mercado de trabalho, também contribuiu para a diminuição no número de filhos por casal ou ausência destes.

Como já pontuado, outra característica que tem se tornado importante neste fenômeno, por conta de suas conseqüências, é a de que a proporção da população com mais idade, aquela de 80 anos ou mais, também está aumentando, o que desencadeia, segundo Camarano (2006), uma “alteração da composição etária do próprio grupo, ou seja, a população considerada idosa também está envelhecendo, levando a uma heterogeneidade do segmento populacional chamado idoso” (p.03). A bibliografia aponta, portanto, que com esse acréscimo da expectativa de vida surge um novo termo e uma nova classificação, a chamada “quarta idade”, faixa composta por idosos com mais de 80 anos.

Seguindo a tendência mundial, no Brasil, o crescimento da população idosa também se faz presente, sendo que os idosos representam o grupo etário que mais cresce em proporção, exibindo um dos crescimentos mais acelerados do mundo (Magnabosco-Martins et al, 2009): no período que vai de 1950 a 2025, o segmento populacional dos idosos brasileiros crescerá aproximadamente quinze vezes contra cinco vezes da população total.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1940, a população maior de 60 anos representava 4% da população nacional; já em 2000, este número subiu para 8,6% (cerca de 14,5 milhões de pessoas) e passará para 14% por volta do anos de 2018, Magnabosco-Martins et al (2009) que esta porcentagem é considerada o limiar, a partir do qual, os países são chamados de “envelhecidos”. Dados indicam ainda que, em 2025, o Brasil será o 6º país com maior número de idosos do planeta.

Como perfil do idoso brasileiro, o Relatório Síntese dos Indicadores Sociais 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística indica que a maioria dos idosos, deste país, é do gênero feminino (55,8%), da cor branca (55,4%), se encontra aposentada (66%), mas mesmo assim, grande parte destes (64%) ocupa a posição de pessoa de referência no domicílio.

Atualmente, o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul são os estados brasileiros com maior proporção de idosos. Estes estados, em 1998, eram os únicos, junto com a Paraíba, onde os idosos representavam mais de 10% da população total. Atualmente, todos os estados do Sudeste, assim como a maioria do Nordeste, já alcançaram esta proporção.

O envelhecimento populacional no Brasil tem, portanto, uma característica peculiar, atribuída à velocidade acelerada desse processo. Como exemplo, Cardim (2009), em pesquisa sobre o campo da Gerontologia, refere que, em alguns países do continente europeu, o processo de mudança demográfica deu-se em um período de 100 anos; já no Brasil isso ocorrerá em cerca de 25 anos, repercutindo e causando impacto nas estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais.

Fica claro até aqui, portanto, que o processo de longevidade presente em vários países, também é um fato na sociedade brasileira (que sempre foi caracterizada como jovem), acontecendo em ritmo crescente e de forma bastante rápida, fazendo emergir o questionamento a respeito do planejamento e preparo para lidarmos com essa mudança no perfil populacional e com suas conseqüências, visto que os dados acima apresentados, apesar de evidenciarem conquistas e progresso social, alcançados através de políticas diversas, posturas e desenvolvimento tecnológico, como indica Neri (2004), apontam, concomitantemente, para a imposição de novos desafios e várias conseqüências, com o surgimento de muitas mudanças, novas demandas e novos problemas. Desta forma, fica

evidente a urgência da discussão e elaboração de medidas a fim de garantir uma infraestrutura adequada, não só de saúde, mas de todo conjunto de recursos que venham a garantir o bem-estar e a qualidade de vida dos idosos brasileiros. Faz-se necessária a atenção aos aspectos psicossociais, culturais, políticos, econômicos e temas de mudança de papéis, perdas, relações sociais e de trabalho, estudo, previdência social e convívio familiar e intergeracional em relação a esse segmento populacional, uma vez que dados e pesquisas, demonstram haver uma realidade preocupante na vida dos idosos que seria o envelhecimento sem qualidade adequada e a carência no aspecto político e social que garantam um envelhecimento saudável.

Nesta linha, Torelly (2008) também aponta que, em países que convivem com desigualdade social e onde não se observam políticas para o atendimento das necessidades etárias dos indivíduos em todas as etapas do ciclo vital, caso observado no Brasil, as necessidades que acompanham o envelhecimento individual e social “costumam acarretar ônus econômico, conflitos de interesses e carências de todo tipo entre cidadãos e as instituições” (Torelly, 2008, p.16). Evidenciando-se, portanto, a necessidade constante da elaboração e revisão das políticas públicas voltadas para esta faixa etária, a fim de lidar de maneira adequada com as demandas sociais, econômicas e de saúde do envelhecimento populacional, garantindo que a sociedade e seus contextos mais diversos sejam mais acolhedores para essa população.

1.2. Gerontologia

Freitas et al (2006) concordam que, considerada a importância de se estudar os aspectos relacionados ao envelhecimento humano fica evidente que, cada vez mais,

é necessária adequação na formação de recursos humanos com o envolvimento das Universidades. Neste ponto, apesar de ainda incipiente, o meio acadêmico tem voltado seus olhos para o ensino da Geriatria e Gerontologia, surgindo, principalmente, nas grandes cidades, os cursos de formação e pós-graduação nessa área. (p. 102)

Neste sentido, para tentar garantir que velhice e o processo de envelhecimento se configurem como processos orientados, satisfatórios e com qualidade adequada as suas realidades, surge a Gerontologia como campo de estudos e de atuação profissional.

A Gerontologia, que veio alcançando grande importância a partir da década de 1950, é a ciência multidisciplinar que se propõe a estudar os fenômenos associados ao envelhecimento em sua totalidade, visando a descrição e a explicação das mudanças típicas deste período, fundamenta-se nos eixos psicológico, biológico, social e cultural desse

processo, abordando a velhice em suas múltiplas dimensões, como indica Lopes (2006). O eixo psicológico, que será descrito mais detalhadamente posteriormente, tem interesse pelos aspectos subjetivos, cognitivos, afetivos e emocionais relacionados ao envelhecimento, enfatizando o processo de desenvolvimento humano; já a área biológica estuda as alterações nos processos fisiológicos com a passagem do tempo e, finalmente, os eixos social e cultural baseiam-se nos contextos específicos do ciclo de vida, concentrando-se nas circunstâncias sócio-culturais que podem afetar o envelhecimento e as pessoas idosas. Além disso, para Neri (2008), a Gerontologia é o campo de estudos que abrange aspectos do envelhecimento normal e patológico, investigando o potencial de desenvolvimento humano associado ao curso de vida e ao processo de envelhecimento.

Neste sentido, Cardim (2009) concorda que a Gerontologia se mostra uma ciência capacitada para formar profissionais aptos a atuar

respondendo às demandas assistenciais específicas dos idosos, contribuindo para que o envelhecimento possa ser um processo orientado, bem-sucedido, assistido e cuidado, agindo também no combate aos preconceitos e às intervenções inapropriadas das famílias e organizações assistenciais (p. 76).

Assim, é necessário que profissionais da área da saúde, inclusive o psicólogo, movimentem-se no sentido de garantir o desenvolvimento de estudos, técnicas e cuidados específicos, a fim de se ampliar as possibilidades de compreensão e intervenção junto a essa população que, cada vez mais, vem se mostrando heterogênea.

1.3. Psicologia do Envelhecimento

Com o objetivo de responder às questões referentes aos processos observados nos indivíduos após a adolescência e a vida adulta inicial referentes às suas cognições, relações sociais, afetos, metas desenvolvimentais e adaptação, a Psicologia do Envelhecimento superou a fase de apenas comparar a velhice com os mais jovens e de reconhecer a velhice enquanto estágio desenvolvimental, para o estabelecimento de uma subdisciplina metodologicamente complexa (Batistoni, Yassuda e Fortes, 2007 *apud* Neri, 2004). “Influenciada pelo diálogo e cooperação com outras áreas do saber, como a Biologia e a Sociologia, a Psicologia do Envelhecimento avançou nos aspectos relativos ao planejamento e estratégias de pesquisa e na integração de outras variáveis que não apenas idade na explicação de fenômenos multidimensionais e multicausais” (Batistoni, 2009, p.13)

A Psicologia do Envelhecimento (ou também chamada Psicogerontologia) é um campo de estudo recente e em expansão, mas não aparece e tem sua importância apenas na

formação de gerontólogos, uma vez que psicólogos são peças importantes em uma sociedade que se vê envelhecida, já que é o profissional capacitado a intervir, tanto em instituições como diretamente na orientação e no acompanhamento a indivíduos que estão vivenciando este processo, além de ser o profissional apto a desenvolver intervenções no sentido de garantir qualidade de vida, possíveis mudanças de atitudes e apoio psicológico.

A importância da Psicologia na formação daquele que vai trabalhar com o envelhecimento evidencia-se, também, quando se observa que um dos pilares que sustentam a atuação profissional gerontológica é atuar no sentido de integrar equipes de profissionais que atuam na gestão, cuidado e atuação aos idosos, lidando com as diferentes leituras junto a esse segmento etário (Falcão et al, 2009).

Desta maneira, fica claro que a estruturação e a consolidação do conhecimento da Psicologia do Envelhecimento não têm sua importância apenas em esferas institucionais, já que este conhecimento pode ser levado à Psicologia Clínica, para receber e lançar um olhar sob a demanda deste público, a fim de uma intervenção prática eficaz para as necessidades específicas desta faixa etária, considerando as variáveis que envolvem o envelhecimento. Uma vez que, levando em conta a transição demográfica a qual o Brasil está passando, a demanda pela oferta de serviços relativos ao campo de atuação do psicólogo será aumentado, já que o avanço da idade está associado a um risco aumentado de vulnerabilidade e disfuncionalidade. Neste sentido, há a possibilidade de observamos alterações no mercado de trabalho do profissional da Psicologia, repercutindo na formação acadêmica desta área, uma vez que além de possibilitar o refinamento metodológico da pesquisa sobre o envelhecimento, a Psicologia do Envelhecimento possibilitou também um maior diálogo entre as próprias subdisciplinas da Psicologia na tentativa de descrever e explicar tanto os processos de declínio quanto os de manutenção e desenvolvimento em domínios psicológicos específicos na velhice. (Neri, 2004).

Silvia e Günther (2000) concordam que a compreensão dos processos inerentes ao envelhecimento demanda esforços concentrados, a fim de identificar as mudanças e transformações vivenciadas neste período e possibilitar, assim, a ampliação da capacidade de planejamento de políticas públicas de atenção ao idoso. Nesse contexto, a Psicologia pode fornecer informações sobre o curso, as condições e as variações da vida adulta, bem como sobre os indicadores de uma velhice bem-sucedida.

A bibliografia, acerca do tema, entretanto, mostra que a Psicologia nem sempre se mostrou interessada em estudar a velhice, uma vez que as teorias de estágio não costumavam contemplar essa faixa etária, sendo que os primeiros estudos referentes aos idosos se

relacionavam, prioritariamente, às alterações e perdas fisiológicas que ocorriam com o passar dos anos do indivíduo e ele envelhecia. Desta forma, por um grande período de tempo, a velhice foi associada a limitações e deficiências, configurando-se como objeto da Psicologia do Excepcional e não do desenvolvimento humano (Paiva, 2010). Batistoni (2009) concorda com o colocado por essa autora, indicando que do ponto de vista histórico, os idosos não eram considerados aptos de se beneficiar integralmente de intervenções psicológicas, sendo tal concepção já evidenciada por Sigmund Freud que, em 1905, colocou que uma das limitações da Psicanálise, era o trabalho com indivíduos acima de 50 anos, devido aos limites da plasticidade dos processos mentais e pelo fato de os idosos não serem “educáveis”.

Já o interesse da Psicologia do Desenvolvimento era maior em relação ao estudo do período infantil e a adolescência, uma vez que as experiências destas primeiras etapas do ciclo vital marcariam a personalidade do indivíduo, de forma que esta já estaria definida até a adolescência, onde depois, surgiriam tempos de estabilidade. Assim, as primeiras etapas de vida, a infância e adolescência, tiveram maior tempo e pesquisas dedicadas ao seu estudo, resultando em uma valorização, juntamente com um acúmulo de dados e interpretações acerca delas, em contraste aos saberes referentes à idade adulta e às idades mais avançadas que só começaram a serem privilegiados no final do século XX, devido a um conjunto de fatores e acontecimentos que foram surgindo, impulsionando certa emergência pelo interesse da Psicologia pelo estudo do envelhecimento e atendimento a essa população. Alguns desses contextos são elencados pelo estudo de Neri (2004):

- envelhecimento populacional na Europa ocidental e nos Estados Unidos;
- progresso social alcançado por alguns países, aumentando o número de idosos ativos, saudáveis e envolvidos socialmente, que foram desmistificando a imagem de idosos como indivíduos apáticos, incapacitados e doentes;
- os princípios científicos vigentes não ofereciam respostas satisfatórias para os fenômenos que se observava nas ruas, nas instituições sociais, nas universidades e nos próprios psicólogos mais velhos;

Tais pontos foram desencadeando uma mudança gradual da mentalidade e da maneira de olhar para a velhice, que vai passando a ser observada como uma fase do desenvolvimento humano e não apenas um estágio de incapacidades e perdas (Neri, 1995).

Segundo a mesma autora, ao mesmo tempo em que surgiu a emergência pelo estudo de idosos também

surgiram novos paradigmas que abriam espaço à consideração da influência conjunta, interativa e histórica do contexto social e

cultural e das condições genético-biológicas e psicológicas sobre o desenvolvimento dos indivíduos e de grupos etários. Neles, começou-se a considerar que o desenvolvimento e envelhecimento são processos multidimensionais e multidirecionais que englobam um delicado equilíbrio entre vantagens e limitações. (Neri, 2004, p.70)

Dessa forma, a autora enfatiza que a Psicologia do Envelhecimento passou a descrever e explicar, de forma mais sistemática, as condições que norteiam a mudança e a possibilidade de continuidade do desenvolvimento na velhice, dando atenção àquelas que colaboram para evitar ou adiar as alterações patológicas e aquelas que visam amenizar o que já foi prejudicado. Atualmente, os estudos da Psicologia do Envelhecimento associados ao da Gerontologia buscam, portanto, estudar os aspectos do envelhecimento saudável e também do processo disfuncional, considerando diversas possibilidades do envelhecer.

Como destaca Freitas et al (2006) de uma teoria do desenvolvimento ou do envelhecimento espera-se a descrição e explicação das mudanças comportamentais que acontecem ao longo do tempo, a fim de que se caracterize as diferenças existentes entre indivíduos e grupos com relação a como e por que se desenvolvem e como e por que envelhecem desta ou daquela maneira. Seguindo esta linha, como já mencionado anteriormente, a Psicologia do Envelhecimento além de estudar as possíveis alterações cognitivas, comportamentais, afetivas e sociais que podem ocorrer no processo de envelhecimento, também se interessa pelas condições que proporcionam a preservação do potencial para o comportamento e para o desenvolvimento.

O paradigma que constituiu a formação da Psicologia do Envelhecimento, e que tem sustentado as construções em relação às questões do envelhecimento e dos seus sujeitos, além de promover um diálogo com as demais subáreas da Psicologia, é o paradigma do desenvolvimento ao longo de toda vida (*lifespan*). Tal perspectiva teórica entende que os processos de envelhecimento e desenvolvimento são relacionados “e que, mesmo na presença de limitações de origem biológica, os processos psicológicos já estabelecidos se mantêm e, se o ambiente cultural for propício, pode ocorrer desenvolvimento na velhice” (Baltes, *apud*, Neri, 2007, p.73). Em outras palavras, entende-se o processo de envelhecimento como parte do curso da vida, permeado por modificações que se constituem tanto por ganhos como por perdas, influenciadas pelo contexto em que o indivíduo está inserido e, como qualquer outra fase do desenvolvimento, requer adaptação frente às modificações e obstáculos que o meio impõe, ou seja, não se considera que ao final da adolescência acontece o término do desenvolvimento.

O paradigma *lifespan* admite o desenvolvimento como um processo multidirecional e multifuncional e leva à compreensão de que nem todas as alterações no desenvolvimento são relacionadas à idade, considerando-se, portanto, que ao longo da vida do indivíduo estão presentes e atuantes diversas influências históricas, culturais, socioeconômicas, psíquicas e biológicas, que vão tornando aquele indivíduo único, admitindo-se o envelhecimento como uma experiência heterogênea intra e interindividual. Este paradigma também destaca a importância das redes sociais e as funções que elas tomam na vida das pessoas e do meio em que vivem (Neri, 2004). Neste sentido, a autora coloca que

a aquisição, a manutenção, o aperfeiçoamento e a extinção dos comportamentos sociais e cognitivos são processos que podem originar-se tanto na infância inicial, como na vida adulta e na velhice (1993, p. 31).

Baltes e Silverberg (*apud* Neri, 1995) estabelecem três domínios gerais no processo de envelhecimento, os quais devem ser considerados quando do estudo desta etapa da vida:

1. O aumento nas perdas físicas, em que a saúde tende a ser um problema crescente
2. A tendência de as pressões e as perdas sociais se acumularem, sendo comuns nas sociedades ocidentais oferecerem-se poucas oportunidades de novos papéis sociais para o idoso
3. A diminuição do tempo cronológico, que pode levar à perspectiva iminente da finitude, favorecendo a mudança no sentido de vida.

Neste sentido, Battini et al (2006) colocam que mesmo que o envelhecimento bem-sucedido seja estabelecido por inúmeros e variados fatores para cada indivíduo, grande parte dos idosos poderá viver os domínios acima expostos de maneira similar, de forma que intervenções nestas variáveis poderiam ser pertinentes, uma vez que a mudança ocorreria nos níveis gerais do envelhecimento e não em suas particularidades.

Em outras palavras, pode-se dizer que o envelhecimento humano ocorre em três níveis diferentes: biológico, psicológico e social, como corrobora Paiva (2010), sendo que o envelhecimento psicológico é determinado pelas mudanças concretas (e muitas vezes visíveis) do envelhecimento biológico e por outro lado, pelas normas e estereótipos sociais que correspondem ao envelhecimento social.

Desta forma, ainda é difícil, para grande parte da população, a percepção e aceitação da velhice como parte integrante do desenvolvimento humano. Os temores e fantasias frente ao envelhecimento e a proximidade do fim da vida, ainda são recorrentes em nossa sociedade, notando-se um esforço constante para se distanciar desta fase da vida e, se possível, fugir do ser-velho, atitude esta que contribui para o desenvolvimento de idéias estereotipadas e preconceituosas em relação ao envelhecimento (Ezequiel e Sonzogni, 2006).

2. IMAGENS DA VELHICE E DO IDOSO

Uma questão importante que emerge a partir do prolongamento do tempo de vida populacional, e que faz parte do campo de atuação do psicólogo, refere-se a como está sendo compreendido o envelhecimento humano e seus sujeitos, ou seja, é importante e necessária a discussão e o estudo a respeito da vivência nesta fase da vida, referente às percepções, às crenças, às imagens, às concepções e aos significados que são atribuídos a este processo. Oliveira e Oliveira (2010) relatam que o conceito da velhice não é tarefa fácil de ser elaborada, devido ao conjunto de fatores complexos envolvidos nessa análise.

O estudo desse aspecto do envelhecimento se faz importante, uma vez que, como já descrito, o processo de desenvolvimento humano se processa em direção ao encontro da velhice, etapa onde são inevitáveis as transformações e declínios biológicos, físicos e estéticos, que podem desencadear o aparecimento de limitações, além de alterações no campo social, geralmente, associadas à mudança de papéis que emergem da aposentadoria ou do crescimento dos filhos e, finalmente, o encontro ao curso finito da vida.

Assim como o processo de envelhecimento, a forma de enfrentá-lo também é um processo individual e heterogêneo, sendo que uma complexa combinação de fatores e transformações pode impactar a vivência do indivíduo nessa fase, além do mais, Freitas et al (2006) concordam que tais variáveis que se apresentam no processo de envelhecimento permitem a disseminação de conceitos não fundamentados à luz da comprovação científica, no sentido de referir a velhice como uma etapa existencial negativa, e contribuem para o desenvolvimento de conflitos e crises, que podem ser consideradas condições de risco para a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida dessa população, que segundo Khoury (2008) podem levar a sentimentos negativos e crenças disfuncionais sobre si, os outros, o ambiente e o futuro com efeitos sobre a auto-estima e, conseqüentemente, sobre o comportamento, vindo a atingir a saúde mental e implicando na dificuldade de aceitação dos idosos, com a manifestação de preconceitos e discriminação com relação à velhice e ao velho.

A imagem do idoso apresenta-se de diversas formas, a depender da cultura, da época e da sociedade em que está inserido, ganhando posição privilegiada ou marginal, estabelecida a partir das funções e atribuições sociais que são designadas a este indivíduo.

No passado, e ainda em algumas sociedades atuais, o idoso era aquele que possuía todo o conhecimento, concentrando a sabedoria acumulada de várias gerações, transmitindo essa história, e sendo respeitado por isso pelos seus pares. Com a modernização da vida esta posição foi perdendo sua importância. A contribuição do idoso na história de uma sociedade foi se perdendo e se desvalorizando, uma vez que tal aspecto tornou-se desnecessário e mais trabalhoso à medida que o saber foi se concentrando nas escolas, nas universidades, nos livros e na Internet. Esse papel do idoso que lhe foi cerceado, não foi substituído, e assim, o idoso ficou sem um novo papel no espaço social.

Leal et al (2011) colocam que em nossa sociedade, ocidental e capitalista pós-moderna, que fundamenta-se na idéia básica de produtividade, ganhar e competir, aquele que não contribui, produzindo mais riquezas, passa a ser descartável, perdendo seu valor social, sendo visto nestes espaços como ser improdutivo e inútil. Neste caso, na nossa sociedade vemos que, muitas vezes, o envelhecimento e o ser-velho parecem um peso e são diretamente relacionados a perdas, deterioração, decadência, improdutividade, fracasso, inutilidade e a muitos outros adjetivos pejorativos, onde ser belo é ser jovem, marginalizando o envelhecimento no processo de desenvolvimento humano. Neste sentido a auto-imagem do idoso muda na sociedade moderna, não se considerando a heterogeneidade desta população e a conquista e a contribuição para a sociedade deste envelhecimento.

Essa visão da sociedade e de como cada indivíduo a concebe, vai influenciar como e quando os indivíduos irão se considerar e assumir como idosos, uma vez que as atitudes e os olhares da sociedade, interferem na auto-imagem, determinando o modo como se olha para a velhice, além de determinar as práticas e políticas sociais direcionadas a esta faixa etária.

Martinez (2007) afirma que em nosso país, muitos valores sociais foram construídos ao longo dos anos a partir da idéia transmitida pelos meios de comunicação de que o Brasil é um “País Jovem” ou um “País de Jovens”, evidenciando exclusivamente o potencial da juventude, em detrimento das idades mais maduras e da velhice que acabaram por se configurarem como períodos atrasados e disfuncionais, como sinônimos de improdutividade e decadência. Neste contexto,

O descarte dos idosos é forjado e viabilizado de várias formas, desde a indução à sua retirada do mercado de trabalho, por meio de programas de preparação para a aposentadoria de demissões voluntárias, geralmente, com perda financeira, até o fechamento do mercado para os indivíduos de maior idade. Não há espaço para o “velho” no mercado de trabalho atual, pois até mesmo os mais preparados têm dificuldade de se colocar em

nível de competitividade com os mais jovens. (Martinez, 2007, p.50)

Ao contrário da realidade que se apresenta na composição demográfica, que é o envelhecimento da população, a juventude é a faixa etária que é, constantemente, exaltada pela mídia, que cultua a beleza e encontra apoio nos diversos meios hoje disponíveis, que vão desde instrumentos cosméticos até as mais diversificadas modalidades de tratamentos e cirurgias estéticas. A autora citada acima ressalta que o objetivo destes novos e diversificados instrumentos, é apagar os sinais que estigmatizam e inserem o sujeito na categoria desprestigiada que é a dos idosos, rejeitando, portanto, a velhice. Nesse contexto, torna-se mais difícil viver a condição de velho com todas as parafernalias do antienvelhecimento.

Russo (2005) também enfatiza o caráter de nossa sociedade de culto à beleza, majoritariamente, ligada à imagem do jovem e do novo. A autora também concorda que para a cultura ocidental atual, ser belo é ser jovem e, por isso talvez, assistimos a um número cada vez maior de cirurgias de rejuvenescimento e de medicamentos para emagrecer. Ela destaca que:

“a indústria corporal através dos meios de comunicação encarrega-se de criar desejos e reforçar imagens, padronizando corpos. Corpos que se vêem fora de medidas, sentem-se cobrados e insatisfeitos. O reforço dado pela mídia em mostrar corpos atraentes, faz com que uma parte de nossa sociedade se lance na busca de uma aparência física idealizada.” (p.81).

Assistimos, portanto, a um paradoxo comentado por Gusmão e Zuben (2001), que afirmam que nossa sociedade mostra um esforço enorme, no campo da ciência, para contribuir para o aumento da expectativa de vida, mas por outro lado não está preparada e nem se mostra disposta para acolher e definir o lugar e o papel daqueles que envelhecem. Em outras palavras, prolonga-se a vida, mas, ao mesmo tempo, não há uma preocupação concreta relacionada ao que se vai fazer com estes anos a mais. Neste contexto, portanto, não há evidências de um lugar e/ou um significado próprio que valorize esta etapa da vida e as experiências e saberes nela construídos.

Temos assim, uma imagem do idoso que é formada em contraste com um paradigma da juventude que deve ser seguido, ou seja, uma exaltação do “desejável (manter-se com um corpo jovem, belo e perfeito), que é vendido como antídoto ou remédio do inevitável (o envelhecer)” e se esse ideal não for obtido vemos que o “envelhecer vira sinônimo de descuido diante de tantos recursos disponíveis para se combater o envelhecimento” (Moreira e

Nogueira, 2008, p.63), o que se agrava muito mais se levarmos em conta o contexto econômico que a maioria da população brasileira vive.

A imagem do idoso na nossa sociedade é então marginalizada. Nas palavras de Rigo (2005), o idoso é aquele que parece não ter mais nada a colaborar sendo, possivelmente, considerado como um fardo que deve pacientemente esperar pelas limitações, pelas doenças e finalmente, pela morte.

Este aspecto é observado no livro do SESC e Fundação Perseu Abramo, “Idosos no Brasil – Vivências, desafios e expectativas na terceira idade”, no capítulo que analisa as questões referentes à “Percepções da velhice e auto-imagem da pessoa idosa”, no qual Lopes (2007) descreve quais imagens são atribuídas para e pelos idosos. Para os idosos, em todas as faixas etárias pesquisadas, as imagens estão ligadas a atributos negativos.

Se por um lado os não idosos vêem os idosos como incapazes ou inúteis (37%) e ultrapassados (15%), por outro, os idosos pensam que os mais jovens lhes têm desprezo (29%) e desrespeito (24%), tornando- os passíveis de maus-tratos. Aí já temos um perigoso hiato a enfrentar: os mais jovens não apostam no potencial do idoso, que, por sua vez, tende a reear possíveis parcerias com os jovens. (p.145)

Esse parece ser o grande mal-estar da velhice. Diversos estudos sugerem o caráter social da auto-imagem, a qual se forma pela expressão de valores e opiniões alheias que os indivíduos recebem e que, sendo introjetados em si próprios, refletem em seu comportamento, de forma a corresponder àquelas visões pré-concebidas. Moreira e Nogueira (2008) enfatizam a necessidade que os seres humanos têm de responder às expectativas postas sobre si mesmos, adquirindo assim, as características esperadas pelos outros.

Essa teoria nos leva à reflexão de como os idosos recebem as visões que os outros grupos etários manifestam por eles. Não seria de se espantar que, ao sentirem-se vistos como inválidos, ultrapassados e incapacitados, de fato incorporassem essas condutas perante a vida. Por outro lado, se os idosos recebessem positivas expressões de valores e opiniões, talvez adotassem uma postura mais ativa e segura, encorajados pelo pensamento dos outros, por se sentirem mais aceitos pela sociedade.

Nesse panorama, o outro é de fundamental importância para a constituição da auto-estima, pois esta resulta de como o indivíduo introjeta as imagens projetadas sobre ele. Cabe compreendermos essas complexas questões contemporâneas das identidades do jovem e do velho, o que será objeto de reflexão a seguir.

No entanto, este tema é central no estudo do envelhecimento, uma vez que, no processo de envelhecimento, estão envolvidas dimensões psicológicas influenciadas por fatores que contribuem para a percepção de aspectos subjetivos que, segundo Moraes (2009), irão determinar o enfrentamento e a qualidade de vida do idoso, uma vez que as dificuldades e limitações desencadeadas nesse processo estão diretamente relacionadas à maneira que o indivíduo percebe o seu envelhecimento “enquanto ser que comanda a sua existência, entrelaçada por valores preconcebidos durante todo o seu processo de desenvolvimento”. (p. 848).

O processo do envelhecimento é normal, dinâmico e inevitável no curso da vida. No entanto, as condições limitantes e patológicas podem ser prevenidas ou retardadas. Já ficou evidenciado que esta fase da vida tende, cada vez mais, a ser longa e, por isso, é bom viver bem a velhice, sob o desafio de diminuir imagens e idéias já existentes sobre o envelhecimento. Com apoio social, o idoso pode ser mais satisfeito em relação à sua condição, já que esta está diretamente relacionada à maneira como os indivíduos se sentem nos contatos e relacionamentos interpessoais, uma vez que a velhice não é apenas individual, mas é também vivida pelo olhar que a sociedade lança e pelo lugar que o idoso ocupa. Neste caso, se faz importante se considerar as relações intergeracionais que serão discutidas no item a seguir.

3. INTERGERACIONALIDADE

O cenário de transição demográfica da população brasileira, apontado nos capítulos anteriores, é uma realidade mundial: os idosos representam a faixa de indivíduos que mais cresce em nossa sociedade, o que como já citado, certamente implica em algumas conseqüências, inclusive para aqueles que convivem com as pessoas com mais anos de vida. Neste sentido, o envelhecimento populacional nos mostra a importância de um novo fenômeno, que é a coexistência de diferentes gerações, posto que, o convívio de indivíduos com diferentes faixas etárias também se configura como uma realidade inevitável, uma vez que será possível observar, cada vez mais, os indivíduos de diferentes gerações, dividindo espaços comuns, compartilhando, mais frequentemente as mesmas situações e práticas sociais e compartilhando experiências, tanto na vida pública como em âmbito familiar, possibilitando a transmissão de conhecimentos entre as várias gerações.

Estudar e analisar tais relações, como vivem e convivem as gerações é, portanto, imprescindível na atual realidade demográfica. Souza (2005) indica, neste sentido, que as relações familiares e sociais estão passando por um processo de adaptação a esse novo paradigma social, surgindo a necessidade de um novo olhar para tais interações.

Cachioni e Aguiar (2008) corroboram, afirmando que:

Entender o relacionamento e convívio entre gerações no âmbito social e educacional é fundamental para promover discussões e questionamentos sobre padrões preestabelecidos socialmente, compreender o comportamento das pessoas, como elas pensam e por que agem desta ou daquela forma, e assim refletir sobre atitudes, comportamentos e, principalmente, tentar rever em conjunto as crenças e os valores referentes ao envelhecimento. KAIROS (p. 80)

Ng *apud* Walcheke (2008) também indica que pesquisas sobre o que as gerações pensam e agem, umas em relação às outras, são necessárias também no campo da Psicologia, concordando que estudar o conhecimento compartilhado sobre o processo de envelhecimento permite responder questões a respeito da vivência desta fase da vida, promovendo discussões

e o restabelecimento de padrões discriminatórios referentes ao envelhecimento. Além disso, entender o relacionamento entre gerações se faz importante, uma vez que os indivíduos estão inseridos e vivem em grupo, o que, segundo Cachioni e Aguilar (2008) possibilita aprender novas formas de comunicação e regras para o convívio, além de promover o conhecimento acerca de si e do mundo e a construção da própria identidade.

Neste sentido, entender o relacionamento e convívio de gerações, tanto no âmbito social como no plano educacional, é questão fundamental para promover discussões e questionamentos acerca das construções teóricas atuais, compreender o comportamento das pessoas, como elas pensam e por que agem de determinada forma, e assim refletir sobre atitudes, comportamentos e, principalmente, tentar rever em conjunto, em parceria, os valores referentes ao envelhecimento.

3.1. Gerações

O ciclo de vida dos indivíduos, do ponto de vista desenvolvimental, é dividido em etapas, cada qual com suas características biológicas e psicológicas, constituindo a infância, a adolescência, a idade adulta (adultos jovens), a meia idade e a velhice. No entanto, grande parte da bibliografia, que se propõe a estudar as gerações, refere ser este um conceito estabelecido culturalmente, agrupando pessoas em função de sua idade, estabelecendo valores morais e expectativas de conduta para cada geração.

Martinez (2007) concorda com o estabelecimento cultural da idade geracional, independente dos estágios de maturidade e da estrutura biológica dos indivíduos, e afirma que as práticas sociais são associadas com os estágios etários, definindo diferenças geracionais, direitos, deveres e privilégios. “(...) Isso pode ser percebido na idade para inserção do indivíduo do mercado de trabalho, na idade para votar, para casar, para concluir os estudos e até mesmo para morrer (socialmente)”. (Martinez, 2007, p.42)

Neri (1991), por sua vez, afirma que dados obtidos em várias investigações empíricas, indicam que os membros de uma dada sociedade, além de delinear as principais fases da vida, diferenciando-as entre si, também designa os comportamentos aceitáveis e adequados para os indivíduos de uma dada fase. Tais classificações permitem a construção de um roteiro para uma vida “normal” e “esperada”:

Esse roteiro tem três funções: a) Cria previsibilidade e reduz incerteza; b) Torna-se um referencial para avaliação do progresso individual; c) Quando as mudanças na vida ocorrem de acordo com o esperado, a existência do roteiro impede que elas sejam vivenciadas como crises. Além disso, as transições

que ocorrem no tempo “certo” e na seqüência “normal” tendem a ser compartilhadas por pessoas da mesma idade, e isso representa uma fonte potencial de apoio (p. 25).

Mannheim (1952) apud Ferrigno (2006) discorre sobre a conceituação do termo “geração”, enfatizando a identidade etária como um produto social, ou seja, o conceito de geração, para esses autores, está relacionado a uma situação comum a certo grupo de indivíduos em um mesmo contexto social e inseridos em um mesmo processo histórico. Em outras palavras, ser de uma mesma geração não se refere apenas ao fato de indivíduos compartilharem o mesmo momento histórico, mas sim, estarem em uma mesma locação ou posição específica para se viver determinados acontecimentos, o que por sua vez, predispõe que esses indivíduos compartilhem certos modos de experiências, atitudes, condutas e de pensamento, que permitem identificá-los como sujeitos da mesma geração. Por outro lado, Martinez (2007) coloca que, além disso, as gerações podem ser relacionadas a outras variáveis, também sociais, que facilitam a análise dos grupos, coincidindo ou não com a faixa etária, tais como experiências escolares, profissionais, de lazer, econômicas ou ideológicas, de estilo de vida, etc.

Os membros de uma faixa etária comum, segundo Ferrigno (2006), só apresentam similaridades por terem vivenciado as mesmas situações em suas primeiras e importantes experiências de vida. Os mesmos acontecimentos em uma sociedade podem ter sido experienciados por indivíduos jovens e velhos, no entanto, os efeitos destes episódios serão diferentes para cada um dos grupos, a depender se foram experimentados pela primeira vez ou dentro de um histórico já formado de experiências anteriores semelhantes. O autor prossegue referindo que as invenções e estabelecimentos de valores morais, além das expectativas de conduta para cada geração, em diferentes tempos de História, são fatores que constituem as gerações. Conseqüentemente, a depender do momento histórico, haverá um maior ou menor espaço entre as gerações.

Hoje, mais do que nunca, acompanhamos que os grupos etários encontram-se mais rigorosa e claramente demarcados. Em relação aos idosos vemos, por exemplo, que, em meados do século XX ganha nova força o termo “velhice” com a criação dos Centros de Convivência e das Faculdades Abertas à Terceira Idade, posto que estes lugares, ao mesmo tempo em que pretendem dar um lugar ao idoso, o excluem como uma camada à parte da sociedade. Como conseqüência, Martinez (2007) aponta que grupos de diferentes gerações vivem hoje segmentados em espaços públicos e exclusivos, sendo que os encontros com

gerações aparecem, mais frequentemente, no contexto familiar, ao menos por proximidade física, já que em muitas prevalece o distanciamento afetivo.

3.2. Relações Intergeracionais

As pontuações acima convergem para um caráter transitório e, portanto, não definitivo, das formas de relação entre os segmentos etários. Tal interação entre os segmentos etários é definido por Neri (2005) como um termo utilizado para referir-se às relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações, ou seja, que se encontram em diferentes fases da vida, e que envolve o contexto familiar e todo campo da vida social dos indivíduos. A autora aponta que tais relações contribuem para uma ressignificação da velhice, que passa a ser encarada de uma forma mais leve e entusiasmada, posto que tal interação implica no reconhecimento e identificação mútuos, de modo que podem levar à compreensão da plenitude e especificidade de cada um.

Segundo Oliveira (2011) a intergeracionalidade pode ser entendida como vínculos que se estabelecem entre duas ou mais pessoas com idades distintas e em diferentes etapas do desenvolvimento que possibilitam o cruzamento de experiências, contribuindo para a unidade dentro da multiplicidade. Os participantes dessa relação possuem características e necessidades próprias, o que enriquece a relação, podendo ser um motivador para a continuidade da mesma.

A chegada da Era Moderna causou uma interferência significativa na visão e nas interações inter/intragrupos, sendo que até então, era comum o convívio de crianças e adultos nos mesmos lugares e situações, nas atividades laborais e cotidianas, ou seja, a vida era relativamente igual para as diferentes idades, mas os novos estágios instituídos, como o “sentimento de velhice” ou “de infância”, estabeleceram nova divisão, resultando um distanciamento entre grupos, principalmente devido a escolarização das crianças.

Ferrigno (2003) refere que a compartimentalização de espaços sociais para as diversas gerações do mundo moderno dificilmente nos chama atenção, já que estamos acostumados a considerar tal situação como algo esperado, natural, inevitável, até mesmo por razões pedagógicas e adequadas.

Neste contexto, a bibliografia mais geral concorda que o fenômeno social das gerações segregadas é relativamente recente na história da civilização ocidental, e que é acompanhado de um esvaziamento dos papéis do idoso, de forma que estes tendem a ficar isolados ou recolhidos no campo doméstico, por outro lado, grande parte dos idosos tem enfrentado essas vicissitudes de forma bastante ativa, adotando um estilo de vida participativo e integrado.

Assim, observamos um contraste, muito bem apontado por Ferrigno (2006):

“Se a modernidade se caracterizou por uma organização, ordenação do ciclo de desenvolvimento humano, certa “desorganização” da vida social e familiar é vista por certos autores como indício de um outro momento histórico que apenas está se iniciando e que chamam de pós-modernidade” (p.20) .

Neste momento é possível notar a ocorrência de uma recolocação dos papéis dos idosos, agora de uma forma muito mais engajada, corajosa e ousada, que possivelmente aproximaria novamente as faixas etárias – seriam os ditos “quarentões” ou “cinquentões” modernos.

Entretanto, essas são apenas conjecturas, visto que a sociedade atual é evidentemente bastante heterogênea, tanto na qualidade de vida dos velhos, quanto na visão dos jovens, a qual já foi enfatizada anteriormente como possível influência para a auto-estima de indivíduos na terceira idade. No entanto, podemos sim dizer, que é pertinente admitir que as relações intergeracionais tragam mais benefícios do que problemas, exercendo influência diretamente sobre os dois grupos e comprometendo indiretamente toda a sociedade.

Os ganhos para os idosos podem ser inúmeros, uma vez que, sem os laços com seus pares, estes indivíduos se esvaziam em seu sentimento de pertencimento ao mundo, sentindo-se negligenciado afetivo e socialmente, sem a possibilidade de contribuir para o futuro. Para Erbolato (2006) é comum pensar que na velhice já tenham sido aprendidas muitas habilidades necessárias para se viver, no entanto, o contato social continua sendo de extrema importância, pois também nessa fase o contato com o outro representa fonte de segurança, de amor, de sentimentos, de pertencimento, além de parâmetros para auto-avaliação.

Já a relevância para os jovens, segundo Martinez (2007) é a possibilidade de estabelecer uma perspectiva histórica, um ponto de apoio em uma sociedade dinâmica marcada por mudanças ininterruptas, além de diminuir as distâncias entre as gerações, remodelando possíveis imagens distorcidas, de forma a possibilitar um olhar ao envelhecimento mais realista e menos sonhador.. Enfim, trata-se de uma relação onde ambos ensinam e ambos aprendem.

Goldman (2004) refere que a importância da intergeracionalidade está no intercâmbio entre grupos etários diferentes e na troca que se estabelece entre as gerações, na geração de saberes, na transmissão da memória e/ou das tradições e passagens de rituais sociais, na perspectiva do fortalecimento dos grupos ou da sociedade, sendo, portanto, essencial para o funcionamento e a continuidade do sistema social.

A relação intergeracional pode se apresentar em qualquer contexto, no entanto, como salientado anteriormente, essa relação é muito mais comum no ambiente familiar e naqueles onde estão presentes vínculos biológicos, sendo que em ambientes sociais é menos recorrente o aparecimento de vínculos de afeto entre indivíduos de diferentes gerações. Um ambiente de relevantes trocas intergeracionais é o campo do ensino, tanto em escolas como em Universidades, ambientes estes onde o aumento da expectativa de vida possibilitou o contato de alunos com professores mais idosos, o que provavelmente, engendra novas formas de interação. Segundo Mazutti e Scortegagna (2006) estes espaços têm um papel social significativo neste processo, pois é um espaço que permite essa interação, por meio de estímulo, de aprendizado, de reflexão da realidade, por meio de trocas e das vivências compartilhadas. A Universidade pode, portanto despertar, nos jovens e nos idosos, novas concepções de envelhecimento, além de posturas ativas diante do processo de envelhecer, valorizando a memória e as trocas entre as gerações. Ou seja, o espaço acadêmico proporciona diversidade de vivências que podem possibilitar a construção ou reconstrução das imagens, concepções e significados acerca da velhice e dos idosos.

Tal realidade demanda, portanto, estudos que procurem compreender as possibilidades de interações entre as diferentes gerações e em diferentes contextos. Neste sentido, como estamos falando de relações humanas, podemos dizer que cabe completamente, ao âmbito da Psicologia e de seus profissionais.

III- MÉTODO

Foi realizado um estudo comparativo, a partir da análise qualitativa-quantitativa dos resultados apresentados em três pesquisas de Iniciação Científica, desenvolvidas no ano de 2010, as quais procuravam compreender os significados de velhice para três grupos, representando três contextos geracionais.

Para tanto, serão expostos os diferentes resultados dos três estudos, simultaneamente realizados, que visavam verificar os significados da velhice para as diferentes faixas etárias, no campus Monte Alegre da PUC-SP, a saber:

- ESTUDO 1: SIGNIFICADOS QUE JOVENS GRADUANDOS ATRIBUEM À VELHICE
- ESTUDO 2: SIGNIFICADOS QUE ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO ATRIBUEM À VELHICE
- ESTUDO 3: SIGNIFICADOS QUE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS IDOSOS ATRIBUEM A SUA PRÓPRIA VELHICE

Sendo objetivo do presente trabalho a comparação das percepções expressas por estas três diferentes faixas de idade, a análise foi baseada no cômputo das frequências de respostas dos sujeitos por categorias e por faixa etária, quanto aos critérios de análise das próprias pesquisas. Além da frequência analisada, foi realizada uma leitura atenta das respostas fornecidas pelos sujeitos, buscando apreender os significados dos temas tratados. Foi utilizado também o modelo da pesquisa de Neri (2007), que foi utilizado nas pesquisas de Iniciação Científica, em que se considera que há padrões de respostas semelhantes, que possuem valor positivo ou negativo sobre a maneira como se enxerga a pessoa idosa, ou seja, atentou-se para as categorias de respostas que denotassem características negativas, presença de concepções estereotipadas, etc., assim como as respostas contrárias a essas visões.

Tais recursos e procedimentos permitiram o conhecimento dos dados concretos, anteriormente obtidos, que possibilitaram a seleção das possíveis variáveis envolvidas

constantes e gerais de cada segmento etário, possibilitando comparar e ressaltar diferenças e similaridades, utilizando-se os pontos norteadores da Psicologia do Envelhecimento.

IV- APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Como evidenciado nos capítulos anteriores, a importância do estudo dos aspectos do envelhecimento, da velhice e do idoso, vem se configurando, cada vez mais, à medida que essa população cresce e os conhecimentos produzidos anteriormente se mostram escassos ou não atendem as necessidades atuais, sendo que por vezes, as descobertas benéficas para a comunidade, não são aplicadas na prática.

O projeto de Iniciação Científica supracitado teve análise voltada para o universo acadêmico, uma vez que muitos professores universitários são indivíduos na faixa de idade acima de 60 anos que convivem, quase que diariamente, com sujeitos mais jovens em seu cotidiano.

Alguns questionamentos direcionaram a construção desse projeto, como: Até que ponto o convívio com faixas etárias anteriores, consideradas beneficiadas por constituírem a camada produtiva da sociedade e possuírem a beleza enfatizada pela mídia, pode afetar a forma como esses professores se enxergam? Haveria algum sentimento de inferioridade por parte dos professores, refletindo em suas auto-imagens? Ou esse encontro seria uma grande oportunidade de promover mudanças em concepções estereotipadas sobre o que é ser idoso e sobre o que é ser jovem?

Assim, o projeto “Significados da Velhice: imagens e percepções de professores universitários idosos e alunos de graduação e pós-graduação” foi subdividido em três estudos, cada qual realizado por uma aluna-pesquisadora, independentemente, que se dividiram, a fim de coletar, analisar e interpretar os dados relacionados a três faixas etárias específicas e suas questões particulares: alunos de graduação, pós-graduação e professores com 60 anos ou mais.

A coleta de dados, de cada um dos estudos, foi realizada através de um questionário auto-aplicável composto por perguntas fechadas (algumas completadas por uma parte discursiva) e abertas. Este instrumento é uma adaptação do original utilizado na pesquisa “Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas da Terceira Idade”, desenvolvida

Fundação Perseu Abramo, SESC Nacional e SESC São Paulo (Neri,2007). Sendo o tema geral do projeto as imagens da velhice expressas por diferentes faixas etárias, foram selecionadas as perguntas que abordavam diversos aspectos relativos a este tópico, desta maneira, cada questionário foi adaptado para o público em questão. No entanto, os três modelos de questionários possuem os mesmos temas específicos e que foram agrupados em categorias de análise, inspiradas pela pesquisa supracitada.

1. Ser idoso
2. Perspectiva do Futuro
3. Visão Social
4. Como concebe a velhice
5. Como se sente atualmente (apenas para o Estudo 3)

Os procedimentos de análise de dados foram os mesmos para os três estudos: após o resgate dos questionários com os sujeitos convidados, foram realizados procedimentos de tabulação de dados, onde, inicialmente, as respostas fornecidas pelos sujeitos foram organizadas em uma planilha do programa Excel. Neste arquivo, tanto as respostas abertas, quanto as fechadas recebiam códigos a respeito do seu conteúdo. Para as respostas abertas foram criados códigos para cada padrão de respostas, a partir da seleção das expressões-chave de cada resposta particular. As expressões-chave revelavam o principal conteúdo do discurso daquele sujeito, ou seja, representavam a síntese do conteúdo de dada questão, de forma que foram identificadas idéias centrais semelhantes ou complementares entre os sujeitos, como também, algumas idéias opostas. Após a categorização, tais dados foram tabulados, para permitir as análises planejadas. Os programas SPSS.13 e Sphinx foram utilizados para o tratamento estatístico dos dados. Posteriormente, as respostas foram tabuladas de acordo com os temas específicos do questionário, citados acima.

Estes procedimentos permitiram conhecer as expressões das percepções dos sujeitos a respeito da velhice e do processo de envelhecimento.

A seguir, os principais resultados obtidos pelos três estudos serão descritos. Optou-se, aqui, por apresentar estes dados de forma mais pontual e didática, uma vez que se pretende um cruzamento e discussão desta relação, posteriormente, na próxima seção. O aprofundamento destas questões pode ser visto em cada trabalho individualmente.

Cabe aqui ressaltar que algumas particularidades dos Estudos foram preservadas, uma vez que as autoras optaram por diferentes formas de análises dos resultados: em dois estudos optou-se por discutir os resultados das questões e as categorias em que elas estavam inseridas

e em outro se optou por discutir a categoria como um todo, de forma que na apresentação dos resultados abaixo essa diferenciação ficará evidente.¹

A) ESTUDO 1: SIGNIFICADOS QUE JOVENS GRADUANDOS ATRIBUEM À VELHICE

Este Estudo, desenvolvido por Rodrigues (2010), focalizou alunos jovens de cursos de Graduação (entre 18 e 25 anos) e se propôs a entender como a camada universitária mais jovem, ainda voltada para questões basicamente acadêmicas e que está ingressando ou ainda ingressará no mercado de trabalho, enxerga aqueles que representam um reflexo da fase que alcançarão futuramente.

Foram sujeitos deste estudo 30 estudantes, sendo 14 do sexo feminino e 16 indivíduos do sexo masculino, matriculados nos cursos de Administração, Direito e Psicologia. A seguir constam os resultados relativos às categorias do questionário.

- “Ser Idoso”

A pesquisa aponta que diante da pergunta, inserida no questionário “Você diria que existem mais coisas boas ou mais coisas ruins em ser idoso?”, os sujeitos participantes demonstraram certa ambivalência em suas respostas. Os resultados quantitativos, referente a esta questão, seguem abaixo:

- 60% dos sujeitos afirmou que a velhice é marcada por coisas boas e ruins de maneira igualitária, assinalando a alternativa “Ambas” em suas respostas
- 20% da amostra acreditam que existem “Mais coisas ruins” em ser um sujeito desta faixa etária
- 7% dos jovens responderam que há “Mais coisas boas” na velhice
- O restante da amostra (13%) declarou não existir diferença em ser idoso e, dessa forma, não apontaram nenhuma categorização positiva ou negativa

Seqüencialmente, os graduandos responderam a questão “Como você acha que é ser idoso?”, e novamente, um caráter ambivalente, pôde ser notado em suas respostas. As pontuações abaixo elucidam as categorias a que pertencem as respostas dadas pelos alunos

¹ O estudo demográfico, das amostras dos três estudos, foi exaustivamente realizado e consta no sistema de Biblioteca Digital da PUC-SP para acesso eletrônico.

que, por sua vez, referem-se ao que eles consideram como aspectos presentes nesta etapa do desenvolvimento:

- “Experiência” (18%)
- “Ambivalente (15%)
- “Serenidade” (12%)
- “Limitações” (12%)
- “Prazer” (8%)
- “Somente ruim” (8%)
- “Sensação de dever cumprido” (7%)
- “Depende do modo de vida” (7%)
- “Poder aproveitar a vida” (5%)
- “Sentimento de nostalgia” (5%)
- “Uma etapa da vida” (3%)
- “Preconceito” (2%).

Ao serem questionados especificamente sobre “Quais seriam as coisas boas em ser idoso”, os jovens valorizaram os seguintes aspectos:

- “Experiência” (23%)
- “Prazer” (13%)
- “Estabilidade e Tranqüilidade” (13%)
- “Preferência ou Respeito diferencial” (13%)
- “Direitos especiais” (11%), como aposentadoria
- “Menor responsabilidade” (10%)
- “Mais tempo disponível” (7%)
- “Acompanhar os descendentes” (7%)
- “Paciência” (3%)

De forma similar, investigou-se “Quais seriam as coisas ruins em ser idoso” e as respostas dadas pelos estudantes foram:

- “Limitações” (42%)
- “Doenças” (10%)
- “Auto-estima baixa” (8%)
- “Falta de reconhecimento social” (8%)

- “Preconceito” (8%)
- “Falta de perspectiva de vida” (8%)
- “Dependência” (7%)
- “Falta de apoio governamental” (5%)
- “Perda de rede social” (5%)

A pesquisa aponta, que de modo geral, os dados da pesquisa referentes à categoria “Ser Idoso” sugeriram que os alunos jovens da Graduação possuem uma visão abrangente da velhice, considerando, em suas percepções, diversos fatores da condição de se vivenciar a terceira idade, de modo que consideram tanto aspectos positivos como negativos dessa etapa da vida. Adicionalmente, a maioria dos sujeitos enfatizou o fato de a velhice ser uma fase da vida como outra qualquer. O que a autora especulou que pode ser um indício de que os jovens consideram suas próprias vidas como ambivalentes e acreditam que este é um aspecto da condição humana, seja qual for a faixa etária.

- *“Perspectiva do Futuro”*

Para o estudo da auto-imagem, julgou-se importante também a visão de perspectiva do futuro dos jovens participantes. Assim sendo, a projeção dos sujeitos para as suas próprias condições de idosos foi abordada através da questão “Como você imagina a própria velhice?”

Os jovens apontaram uma grande porcentagem de referências positivas ao próprio futuro (84% de referências puramente otimistas e entusiastas para si mesmo), apostando prioritariamente em uma velhice na qual possam estar incluídas os seguintes elementos:

- “Acompanhar a família constituída” (17%)
- “Prazer” (14%)
- “Saudável” (12%)
- “Estável e Tranqüila” (12%).
- “Ativa” (11%)
- “Independentes” (6%)
- “Viajar” (6%)
- “Manter a rede social” (6%)
- “Boa situação financeira” (3%)

Em contrapartida, uma minoria dos sujeitos (7%) se mostrou mais pessimista e atribuiu para o próprio futuro a expectativa das seguintes realidades:

- “Limitações” (5%)
- “Introspecção e Mudanças de Interesses” (2%)

Alguns sujeitos referiram, ainda, não saber ou ainda nunca haverem pensando a respeito, o que foi considerado pela pesquisadora como uma resposta de neutralidade, esses sujeitos representaram apenas 5% da amostra.

No questionário de pesquisa também constava uma pergunta que tinha por objetivo investigar quais os aspectos que os sujeitos concebem como “Velhice ideal”. As respostas que os sujeitos valorizaram foram:

- “Saudável” (21%)
- “Tranqüila” (12%)
- “Ativa” (12%)
- “Boa situação financeira” (9%)
- “Tempo disponível” (9%)
- “Prazer” (7%)
- “Ausência de Limitações” (7%)
- “Viver o presente” (6%)
- “Satisfação com a família constituída” (6%)
- “Ser independente” (3%)
- “Manter-se atualizado” (3%)
- “Crenças que signifiquem a morte” (1%)
- “Não atingir a velhice” (1%)

O trabalho concluiu que apesar de os jovens graduandos atribuírem alguns valores negativos e bipolares à idéia generalizada da velhice na categoria “Se Idoso”, os mesmos sujeitos apresentaram porcentagens consideráveis de atributos puramente otimistas de suas condições de ser idoso, o que os identifica com os aspectos que consideram presentes em uma velhice ideal, de indivíduos ativos e desejantes.

- “Visão Social”

No tema relacionado à questão social, no qual se pretendeu investigar a opinião dos participantes a respeito dos significados que a sociedade atribui aos idosos e à velhice, os jovens foram questionados, primeiramente acerca de como julgavam a situação do idoso no

Brasil e as justificativas para tal posicionamento e, posteriormente, questionou-se diretamente a visão que eles próprios possuem da velhice.

No que se refere à imagem do idoso no Brasil, a primeira questão enunciada foi “Na sua opinião, no Brasil as pessoas têm preconceito em relação aos idosos?”. Os graduandos afirmam uma posição de um Brasil majoritariamente preconceituoso contra a terceira idade:

- 50% dos jovens acreditam que “Existe muito preconceito”
- 33% dos estudantes afirmam que “Existe preconceito, mas não sabe se muito ou pouco”
- 10% consideram que “Existe pouco preconceito”
- 7% da amostra disseram “Não existir preconceito” no país

De maneira similar, procurou-se saber se, dentro da amostra participante, os jovens em questão se consideravam preconceituosos. Dentro desse contexto, através da pergunta “E você, tem preconceito em relação aos idosos?”, obtiveram-se os seguintes resultados:

- 83% dos estudantes afirmaram “Não ter preconceito”
- 10% dos jovens acreditam “Ter preconceito, mas não sabe se muito ou pouco”
- 7% disseram ter “Pouco preconceito”.

Esses dados evidenciaram que, embora os graduandos considerem que os jovens brasileiros são muito preconceituosos, eles mesmos não se incluem nesse posicionamento, afirmando opiniões antagônicas à opinião geral dos jovens, mesmo sendo representantes significativos do grupo em questão (jovens brasileiros).

Objetivando compreender um pouco mais essa percepção, os jovens graduandos foram questionados com a seguinte pergunta: “Como você acha que os jovens vêem os idosos?”. Nesse aspecto, levantaram-se doze categorias que aparecem a seguir divididas em referências positivas, negativas e neutras.

- A grande maioria das respostas (73%) atribuiu sentidos negativos à imagem dos idosos por parte da população jovem brasileira:
 - “Inconvenientes” (16%)
 - “Com desrespeito, indiferença ou desdém” (15%)
 - “Limitações ou incapacidade” (13%)
 - “Pouco respeito” (9%)
 - “Dependentes” (9%)
 - “Conservadorismo” (7%)

- “Ultrapassados” (4%)
- 18% das respostas dos sujeitos apontam uma visão generalizada positiva dos idosos no Brasil:
 - “Admiração” (9%)
 - “Respeito” (7%)
 - “Experiência” (2%)
- 9% das respostas totais foram categorizadas como neutras:
 - “Pessoas normais” (7%)
 - “Não sabe” (2%)

Evidenciou-se assim, portanto, um posicionamento pessimista a respeito da opinião que os alunos acreditam que os jovens possuem sobre os idosos no Brasil, apontando a crença de uma visão preconceituosa e limitante acerca da velhice.

Os alunos foram questionados ainda, especificamente, sobre suas percepções pessoais em relação aos idosos, através da pergunta “E você, pessoalmente, como os vê?”, os jovens atribuíram uma grande porcentagem de referências positivas às suas visões pessoais, referências estas novamente divididas em positivas, negativas e neutras. Segue os resultados:

- Referências positivas (59%):
 - “Admiração/Respeito” (24%)
 - “Experiência” (21%)
 - “Capazes/Ativos” (10%)
 - “Fofos ou uma graça” (4%)
- Respostas neutras (21%):
 - “Pessoas normais” (17%)
 - “Depende do idoso” (4%)
- Referências negativas (20%):
 - “Com limitações” (8%)
 - “Conservadores” (6%)
 - “Desvalorizá-los” (4%)
 - “Intolerantes/Teimosos” (2%)

Os alunos, participantes da pesquisa, evidenciaram uma visão valorizadora da terceira idade, em contraste às percepções que atribuem ao jovem brasileiro em geral, os quais

caracterizam como preconceituosos e de visão reducionista. Além disso, a pesquisa considerou que os jovens parecem valorizar, nos mais velhos, exatamente aquilo que afirmaram desejarem para si mesmos no tema de *“Perspectiva de Vida”*, ou seja, a experiência, a vida ativa e cheia de conhecimentos adquiridos. Por outro lado, o primeiro lugar das referências negativas investigadas é a categoria relativa às limitações que, não coincidentemente, foi o aspecto que os jovens apontaram como a pior das coisas da velhice em “ser idoso”, o que torna novamente esse elemento como o mais recorrente entre os negativos e, muito possivelmente, uma realidade até temido pelos graduandos quando vislumbram o futuro.

- *“Como concebe a velhice”*

A etapa seguinte do estudo foi a coleta de dados que revelassem como esses jovens graduandos da PUC-SP concebem a velhice, em outras palavras procurou-se investigar a opinião dos participantes a respeito de diversas frases normalmente enunciadas pelas pessoas em geral, manifestando idéias pré-concebidas sobre os idosos. Para obter essas informações, as frases foram apresentadas na etapa final do questionário, distribuídas dentro de uma mesma questão, em que os jovens registravam se concordavam ou discordavam de cada uma delas e, se necessário, justificavam sua posição:

- “Os idosos dependem dos outros para tudo”: 100% de discordância, evidenciando não correlacionar idade avançada necessariamente à invalidez ou cuidados especiais, sendo que a maioria dos sujeitos afirmou que a autonomia e a independência de uma pessoa não dependem absolutamente da quantidade de anos, sendo esta uma afirmação generalizante e preconceituosa
- “O desejo sexual desaparece com a idade”: 67% discordaram da veracidade da afirmação; 22% mostraram estar de acordo com a frase e 11% disseram não saber. Grande parte dos sujeitos relatou que o desejo sexual está relacionado a outras variáveis não-definidas por eles, mas que, certamente, a idade avançada não é razão para o fim das funções sexuais ou então, que fatores biológicos reduzem a atividade sexual, mas que o desejo e prazer não se extinguem por causa da idade. Os concordantes, em sua maioria, afirmaram que por uma questão biológica o desejo sexual é sim extinto ou então substituído por afeto
- “Os idosos sentem necessidade de namorar”: 75% da amostra concordaram com a afirmação; 18% mostraram-se contra a veracidade da frase e 7% disseram não saber. Os alunos que concordaram com a afirmação, novamente,

evidenciaram que a vontade de namorar não está relacionada com a idade e sim, com outras variáveis mais complexas

- “Os idosos não conseguem acompanhar as mudanças do mundo moderno”: 10% de sujeitos demonstraram concordância com a frase, enquanto 90% discordaram de sua veracidade, que relataram, em sua maioria, acreditar no potencial dos mais velhos para se desenvolverem, independente de terem nascido em outra época, conhecendo recentemente novas descobertas, de forma que muitos jovens podem também não acompanhar o grande fluxo de informações e novas tecnologias
- “Os idosos têm muito a ensinar”: 80% das opiniões convergiram para a concordância com a frase e 20% revelaram discordância com a frase. Os sujeitos, em sua maioria, afirmaram que a quantidade de anos vividos confere sabedoria aos idosos, uma vez que já passaram por tudo aquilo que os jovens desconhecem.

Em conclusão, a opinião majoritária dos jovens graduandos dá pouco valor à idéia superficial e estereotipada do idoso. Os alunos graduandos da PUC-SP demonstraram olhar, prioritariamente, para um ser humano em desenvolvimento global que inclui o etário, mas não se reduz a ele. Os sujeitos em questão, em todos os temas, evidenciaram a importância do caráter humano da Terceira Idade.

B) ESTUDO 2: SIGNIFICADOS QUE ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO ATRIBUEM À VELHICE

O Estudo 2 foi desenvolvido por Silva (2010) e focou alunos adultos, com idades entre 30 e 50 anos, que frequentavam cursos de Pós-Graduação, procurando entender como os alunos da meia idade, denominados “Geração Sanduíche” (Zal, 1992) pela bibliografia consultada, percebem o envelhecimento e sua futura velhice, uma vez que, provavelmente, ainda não são considerados velhos, mas já se encontram na fase anterior à velhice.

O trabalho foi realizado com 30 sujeitos (15 do sexo masculino e 15 do sexo feminino), estudantes matriculados em cursos de Pós-Graduação *strictu sensu* do campus Monte Alegre da PUC-SP. Os cursos dos estudantes que compuseram a amostra foram sorteados: três cursos de Mestrado (Administração, Economia e Ciências Sociais) e três cursos de Doutorado (Comunicação e Semiótica, Fonoaudiologia e Psicologia Social).

- “Ser idoso”

Com o objetivo de se conhecer a opinião dos alunos a respeito do que consideram o marco inicial para o indivíduo tornar-se idoso, os alunos de meia-idade foram questionados com a pergunta “Quando a pessoa chega à velhice?”. Evidenciaram uma diversidade de opiniões, no entanto, foram notados uma maioria de aspectos negativos:

- “Quando começa a sentir limitações” (60%)
- “Quando completa determinada idade” (variação entre 60 e 80 anos) (60%)
- “Quando está totalmente dependente dos outros” (36,7%)
- “O idoso é uma pessoa como outra qualquer” (23,3%)
- “Quando diminui a ansiedade e aumenta a serenidade ou a capacidade de aceitação dos fatos da vida” (23,3%)
- “Quando passa a não acompanhar a modernidade (dificuldade na atualização de novas tecnologias)” (13,3%)
- “Quando adquire total sabedoria em de vida” (10%)
- “Quando está desenvolvida totalmente enquanto pessoa” (10%)
- “Quando começa a transmitir às próximas gerações suas experiências de vida” (6,7%)
- “Quando perde atrativos físicos” (6,7%)
- “Quando se aposenta” (6,7%)
- “Quando consolida seus conhecimentos” (3,3%)
- “Quando consolida seus vínculos afetivos” (3,3%)
- “Quando começa a sentir maior necessidade de afeto” (3,3%)

Sequencialmente, os sujeitos foram indagados sobre como eles acham que é ser idoso. Foram citados, em maior proporção, aspectos negativos, tais como:

- “Sentir limitações” (34,1%)
- “Sofrer preconceito” (14,6%)
- “Ser nostálgico” (4,9%)

Posteriormente, apareceram os aspectos positivos em relação a ser idoso:

- “Momentos de prazer” (9,8%)
- “Experiência” (9,8%)
- “Aproveitar a vida” (4,9%)
- “Ter serenidade” (4,9%)

- “Crescimento” (2,4%)

Como aspectos neutros obteve-se as seguintes respostas:

- 7,3% da amostra, referiu que ser idoso depende do modo como o indivíduo levou a vida até o momento ou que a velhice é apenas uma fase da vida, igual às demais (7,3%).

Em relação à existência de mais aspectos positivos ou negativos decorrentes do envelhecimento, os resultados obtidos foram:

- 56% da amostra afirmaram a existência de aspectos tanto positivos, como negativos decorrentes do envelhecimento (“Ambas”).
- 27% dos sujeitos acreditam que há mais coisas ruins em ser idoso
- 10% afirmam haver mais coisas boas na velhice
- 7% dos estudantes referiram que existência de eventos bons ou ruins não se relaciona com a idade (“Não tem diferença em ser idoso”)

Foram também realizadas questões a respeito dos aspectos que são considerados ruins na velhice, pelos alunos da pós-graduação da PUC-SP. As respostas obtidas para os aspectos negativos decorrentes do avanço da idade foram:

- “Limitações” (28,1%)
- “Doenças”(24,6%)
- “Preconceitos” (12,3%)
- “Falta de reconhecimento social” (10,5%)
- “Dependência” (8,8%)
- “Falta de perspectiva” (7,0%)
- “Perda da rede social” (5,3%)
- “Baixa auto-estima” (3,5%)

Objetivando conhecer a percepção dos aspectos positivos da velhice para os alunos de meia-idade, destacaram-se as seguintes categorias:

- “Experiência” (35,5%)
- “Estabilidade/Tranquilidade” (14,5%)
- “Acompanhar os descendentes” (11,3%)
- “Momentos de prazer” (11,3%)

- “Menos responsabilidade” (11,3%)
- “Mais tempo disponível” (9,7%)
- “Ter preferência” (3,2%)
- “Paciência”

Em relação a categoria “*Ser Idoso*”, o estudo considerou também ambivalência nas respostas dos alunos participantes, de modo que mais da metade da amostra considera que a chegada da velhice acarreta tanto aspectos positivos como negativos. Ressalta-se que embora a porcentagem de aspectos bons tenha sido significativa nas respostas, a quantidade de categorias negativas decorrentes do envelhecimento foi maior.

Evidenciaram-se, assim dois “modelos” de velhice: um positivo, relacionado à experiência e à realização e outro negativo, baseado na velhice enquanto situação de perda, limitações e preconceito.

O Estudo concluiu que a imagem declarada acerca dos idosos pelos alunos de Pós-Graduação, com idade entre 30 e 50 anos, não expressa uma conotação majoritariamente positiva ou negativa, de forma que, o fator ambivalente é marcante.

- “*Perspectiva do Futuro*”

Em uma tentativa de investigar as expectativas dos sujeitos em relação à própria velhice, indagou-se “Como você imagina a própria velhice?”. Em oposição à tendência de maior quantidade de aspectos negativos do que positivos, observa-se que os sujeitos destacaram atitudes e formas de vida de conotação prioritariamente positiva:

- “Sendo ativo” (22,2%)
- “Vivendo momentos de prazer” (18,1%)
- “Mantendo-me atualizado” (13,9%)
- “Manutenção da rede social” (9,7%)
- “Com estabilidade/tranqüilidade” (9,7%)
- “Com mais tempo disponível” (8,3%)
- “Com saúde” (5,6%)
- “Sendo independente” (2,8%)
- “Sendo alguém solidário” (1,4%)

Das onze categorias analisadas, apenas duas são negativas:

- “Com limitações” (6,9%)

- “Sendo vítima de preconceito” (1,4%)

Fica evidente a maioria de expectativas positivas que se destacaram para a própria velhice. Neste caso, a autora ressaltou o contraste entre a velhice do outro, que neste estudo foi concebida como ambivalente, com aspectos ligeiramente mais negativos com a própria velhice que tende a ser vista como mais satisfatória. Das onze categorias analisadas, apenas duas são negativas e suas porcentagens são mínimas.

- *“Visão Social”*

Buscando compreender as percepções, que os alunos da Pós-Graduação, tem a respeito da imagens da velhice para a sociedade, os alunos também foram questionados quanto ao preconceito contra os idosos. Com exceção de um sujeito que não respondeu a questão, todos os participantes acreditam que, em algum grau, há preconceito contra idosos no Brasil.

- 56,7% da amostra afirmaram que há “Muito preconceito”
- 33,3% não sabe quantificar, embora continue acreditando que tal preconceito é vigente na atual sociedade (“Existe preconceito, mas não sabe se muito ou pouco”)
- 6,7% acreditam que há “Pouco preconceito no Brasil”

Quando a questão foi direcionada para o próprio sujeito, através da pergunta se o próprio sujeito tem preconceito contra pessoas idosas, as opiniões foram:

- 70% escolheram a alternativa “Não tem preconceito”
- 23,3% da amostra afirmaram que “Tem pouco preconceito”
- 6,7% afirmaram que tem preconceito com relação a idosos, porém não sabe se muito ou pouco.

Também foi explorada a maneira, pela qual, os pós-graduandos julgam que os jovens vêem a pessoa idosa. Foram ressaltados, principalmente, aspectos negativos:

- “Desrespeito/Desdém/Indiferença” (20,9%)
- “Inconvenientes” (18,6%)
- “Limitações/Incapacidade” (16,3%)
- “Pouco respeito” (11,6%)
- “Com admiração” (9,3%)
- “Empecilho Profissional” (7%)

- “Sujeito conservador” (7%)
- “Dependência” (2,3%)
- “Ultrapassado” (2,3%)

Poucos foram os aspectos positivos levantados, foram eles:

- Admiração (9,3%)
- Experiência (4,7%)

Foi também realizada investigação a respeito de como os participantes da pesquisa vêem a pessoa idosa. A maioria dos sujeitos investigados apresentou maioria de respostas voltada para os aspectos positivos:

- “Com admiração/respeito” (26,7%)
- “Pessoas experientes” (24,4%)
- “Pessoas capazes/ativas” (6,7%)

Em menor porcentagem, apareceram aspectos negativos, tais como:

- “Pessoas amargas/solitárias” (6,7%)
- “Pessoas desvalorizadas” (4,4%)
- “Dependentes” (4,4%)
- “Pessoas intolerantes/teimosas” (4,4%)
- “Com pena” (4,4%)
- “Pessoas apáticas” (3,4%)
- “Pessoas conservadoras” (2,2%)
- “Pessoas limitadas” (2,2%)

Houveram sujeitos ainda que não atribuíram conotação positiva/negativa à velhice, evidenciando que a imagem de uma pessoa não está diretamente vinculada à idade:

- “Pessoa normal” (11,1%)

Em relação à categoria “*Visão Social*” o Estudo concluiu que os resultados estão de acordo com os achados pela bibliografia geral acerca do tema em relação à percepção de que o outro sempre julga o idoso a partir de referências negativas. Por outro lado, quando a questão do preconceito é direcionada ao próprio sujeito, a maioria afirma não conceber tal discriminação.

A autora do Estudo evidenciou, ainda, que em questões que investigavam a visão sobre o idoso e em seus enunciados não apresentavam um direcionamento para aspectos positivos ou negativos, os aspectos últimos superavam, em quantidade, os primeiros.

- *“Como concebe a velhice”*

No questionário, assim como no Estudo 1, foram inseridas frases que costumam ser ditas, pelo senso comum, a respeito dos idosos. As porcentagens de concordância/discordância, em relação às afirmações, estão inseridas a seguir:

- “As pessoas de idade não conseguem acompanhar as mudanças no mundo moderno”: 66,7% de discordância e 33,3% de concordância. As principais justificativas favoráveis ao enunciado, basearam-se na crença de que idosos possuem uma adaptação mais lenta, são incapazes de se atualizar e demonstram falta de interesse. Os que afirmaram que a atualização é possível, referiram que esta depende do interesse e não depende da idade.
- “O desejo sexual desaparece com a idade” : 64,3% de concordância e 35,7% de discordância, sugerindo que a sexualidade tem relação com a idade, em que vão surgindo outras formas de desejo e expressão sexual.
- “Os idosos só vivem do passado” : 80% de discordância e 20% de concordância. A maioria referiu que muitos idosos vivem seu presente, não estando presos ao que viveram no passado.
- “Os idosos dependem dos outros para tudo”: 93,3% de discordância e 6,7% de concordância. A maioria mencionou que, se o contexto de vida do indivíduo é positivo, o velho não se torna dependente.
- “Velhice é o mesmo que doença”: 96,7% de discordância e 3,3% de concordância. Os que afirmaram que velhice não é sinônimo de doença afirmaram que a saúde independe da idade e sim do contexto de vida em que o indivíduo está inserido e do seu preparo para essa fase da vida.
- “Os idosos têm muita coisa para ensinar”: 90% de concordância e 10% de discordância. A maioria dos alunos de meia-idade ressaltou a experiência e referiram que a “bagagem de vida” não possui relação com a idade. Uma minoria, respondeu que os idosos são conservadores e que a transmissão de experiência, depende da vida profissional e do modo como o indivíduo viveu a vida até o momento.

- “Envelhecer é um privilégio”: 66,7% de concordância e 33,3% de discordância. Aqueles que concordaram justificaram que, por ser um sinal do retardamento da morte, o envelhecimento deve ser valorizado. As justificativas para as respostas de discordância apontam que o custo do envelhecimento é maior que seu benefício, que a vida deve ser considerada um privilégio independentemente da idade e referiram que envelhecer remete à aproximação da morte.
- “Os idosos sentem necessidade de namorar”: 90% de concordância e 10% de discordância. Aqueles que concordaram com a afirmação, afirmaram que esta necessidade independe da idade ou que todo ser humano necessita de companhia.

C) ESTUDO 3: SIGNIFICADOS QUE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS IDOSOS ATRIBUEM A SUA PRÓPRIA VELHICE

Este estudo, desenvolvido por Baumgartner (2010), estudou professores idosos de Graduação e Pós-Graduação, pretendendo investigar como esses professores, cujos cotidianos são marcados, majoritariamente, pelo contato com alunos com idade inferior as suas, enxergam a si mesmos enquanto idosos e como acreditam que são vistos por alunos jovens e de meia idade.

Foram sujeitos 26 professores com idade igual ou superior a 60 anos, que ministram aula em qualquer curso da Graduação e/ou Pós-Graduação da PUC-SP, no campus Monte Alegre: 18 sujeitos do sexo feminino e 8 do sexo masculino. Para a escolha da faixa etária dos professores, utilizou-se o critério adotado pelo Estatuto do Idoso, o qual regula os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

Em relação ao curso superior de formação destes professores, evidenciou-se uma amostra de 11 cursos. A maioria dos participantes da pesquisa (23,1%) graduou-se em Psicologia, mas também tiveram participantes dos cursos de Administração, Ciências Sociais, Direito, Economia, Filosofia, Fonoaudiologia, História, Letras, Pedagogia e Serviço Social.

Entre os professores que responderam ao questionário, 30,8% ministram aulas apenas na graduação, 50,0% apenas na pós-graduação, 15,4% dão aulas nos dois níveis de ensino e há ainda 5,0% da amostra que dá aula em cursos livres da Universidade.

Inicialmente, os professores foram questionados se consideram-se idosos e a justificativa para essa opinião.

- Mais da metade dos professores (57,7%), participantes da pesquisa, não se considera idoso
- 19,2% respondeu se sentir pertencente a esta faixa etária.
- 23,1% dos sujeitos responderam que sentem-se idosos em parte/às vezes.

Neste aspecto, há o relato de algumas respostas qualitativas, em que os sujeitos justificavam estas respostas dizendo que assim se sentiam quando eram “lembrados” por algumas circunstâncias, sinais, que na maioria das vezes, foram tidos como físicos. Ou seja, afirmavam que sentiam-se idosos quando percebiam que não tinham o mesmo pique ou então, quando alguma dor no joelho ou nas costas, por exemplo, lembrava-os da idade.

Diante da pergunta “O (a) senhor (a) diria que existem mais coisas boas ou ruins em ser idoso”, os professores demonstraram certa ambivalência.

- 38,5% dos sujeitos afirmou que a velhice é marcada por coisas boas e ruins de maneira igulitária, escolhendo como resposta a categoria “Ambas”.
- 34,6% da amostra declarou não existir diferença em ser idoso e, dessa forma, não apontaram nenhuma categorização positiva ou negativa.
- Responderam existir mais coisas boas em ser idoso 11,5% da amostra.
- O restante da amostra, ficou empatado com 7,7% da frequência respondendo que existem mais coisas ruins nesta fase da vida e que não sabiam responder.

Frente da pergunta “Como se sente com a idade que tem?”, o grupo manifestou mais referências positivas:

- 61,4% de respostas positivas
- 20,5% de respostas negativas
- 18,6% de respostas intermediárias

O estudo indica que essa maioria que evidenciou aspectos positivos, fez referência de que assim se sentem, visto que possuem uma vida ativa, continuam no mercado de trabalho, além de terem disposição e saúde. Houve referências de alguns sujeitos, no sentido de que, sentem-se bem, no entanto, esta sensação é alterada, quando sofrem com alguma limitação que consideram relacionada ao envelhecimento.

Já diante da pergunta “Como é ser idoso?”, os sujeitos responderam em padrão similar:

- 40,5% dos professores fez referências intermediárias e neutras, afirmando que sentem-se bem relativamente ou razoavelmente e responderam ainda, que não se sentem idosos, que não tem diferença em ser idoso ou que não se incomodam ou preocupam-se com a idade.

Apesar de a maioria ter respondido, anteriormente, que não se sente idoso, nesta questão, alguns sujeitos evidenciaram acreditar que ser idoso é sim diferente de algumas fases da vida, uma vez que elencaram uma série de atributos relacionados a ser idoso, como ter mais experiências e uma visão ampla e diferenciada da vida, além de características como flexibilidade, paciência e tranquilidade. Esses atributos em sua maioria estiveram relacionados a aspectos positivos, ou seja, aspectos que trazem um crescimento pessoal que viria a somar para as vivências e relacionamentos daquele sujeito. Quanto aos aspectos negativos, tivemos apenas respostas relacionadas às limitações e restrições que acompanham o envelhecimento. Em algumas respostas, nesta questão, alguns sujeitos responderam de fora da posição de idosos, ou seja, vendo o idoso no outro, sendo que algum desses diziam não saber como é ser idoso, visto que não se sentem como tal.

Ao se investigar quais seriam as coisas ruins em ser idoso, os professores privilegiaram as respostas que se inseriram nas seguintes categorias:

- “Debilidades e limitações físicas” (58,9%): cansaço, dores musculares, falhas na memória e alterações na aparência.
- “Problemas de Saúde/Doenças” (12,8%)
- “Dependência” (10,3%)
- “Desrespeito” relacionado a suas idades e suas limitações (7,7%)
- “Falta de boas condições de vida” (5,1%), como necessidade de trabalhar pelo fato de a aposentadoria ser baixa e falta de direitos sociais
- “Finitude” (2,1%)
- “Não sabe” (2,1%)

De forma similar, investigou-se quais seriam as coisas boas em ser idoso. Os resultados indicam as categorias inseridas nas respostas dos sujeitos.

- Desenvolvimento de alguns atributos (14,6%): como sabedoria, tranquilidade, segurança, paciência, etc.

- Possibilidade de poder valer-se de algumas vantagens (14,6%) que são oferecidas por lei aos idosos: como pagar meia-entrada em alguns estabelecimentos, ter prioridade em filas e não ter que votar, obrigatoriamente, em eleições.
- Experiência adquirida e acumulada (12,5%)
- 6,3% dos sujeitos afirmou não saber ou ainda não haver diferença com outras faixas etárias.

O estudo indicou que essas respostas evidenciam, mais uma vez, uma discrepância ao que foi respondido na pergunta sobre sentir-se idoso, uma vez que grande maioria diz não sentir-se idoso, e ao mesmo tempo, relata que aproveita de vantagens que são oferecidas a esta faixa etária, ou seja, nesta situação aceita colocar-se como idoso a aproveitar desta regalia que a diferencia das outras faixas etárias.

Investigou-se também o marco dado como inicial para uma pessoa se tornar idosa, para a população estudada, por intermédio da pergunta “Quando a pessoa chega à velhice ou fica idosa?”. As respostas foram que uma pessoa fica idosa quando:

- “Começa a sentir limitações” (65,4%)
- “Está totalmente dependente dos outros” (42,3%)
- “A pessoa diminui a ansiedade e aumenta a serenidade ou capacidade de aceitação dos fatos da vida” (38,5%)
- “Pessoa perde atrativos físicos” (23,1%)
- “Começa a transmitir às próximas gerações suas experiências de vida” (23,1%)
- “Sentimento de dever cumprido” (23,1%)
- “Pessoa como outra qualquer independente da idade” (19,2%)
- “Não acompanha a modernidade” (19,2%)
- “Outros” (19,2%)
- “Consolida seus vínculos afetivos”
- “Completa X anos”
- “Se aposenta”
- “Está desenvolvida totalmente enquanto pessoa”
- “Consolida seus conhecimentos” (7,7%)
- “Começa sentir maior necessidade de afeto” (3,8%)

- *“Perspectiva do Futuro”*

Para o estudo da auto-imagem, julgou-se importante também a visão de perspectiva do futuro dos professores participantes. Assim sendo, os planos e sonhos para os próximos anos foram abordados por meio da questão “Se pudesse decidir livremente sem se preocupar com qualquer problema, o que a senhora gostaria de fazer nos próximos anos?”. As respostas evidenciaram uma maioria de referências positivas ao próprio futuro:

- “Viajar mais” (23,7%)
- “Continuar trabalhando” (16,9%)
- “Continuar ativo, fazendo o que faz atualmente” (10,2%)
- “Dedicar mais momentos à família e/ou amigos” (8,5%)
- “Diminuir ritmo de trabalho” (8,5%)
- “Ter tempo para ler mais” (6,8%)
- “Inserção em novos projetos” (5,1%)
- “Ter mais momentos de lazer, tempo livre” (5,1%)
- “Continuar a estudar” (3,4%)
- “Conhecer novas pessoas, fazer novos relacionamentos” (3,4%)
- “Ter saúde” (3,4%)
- “Continuar independente” (1,7%)
- “Sentir-se útil” (1,7%)
- “Ter netos” (1,7%)

A pesquisa ressaltou que todas essas categorias enumeradas acima receberam um valor positivo, no que concerne a projeção da própria vida, já que foram consideradas referências otimistas e entusiastas por si mesmo, visto que manifestam desejos e expectativas para o futuro. A única categoria a que não pôde ser dada nenhuma referência, positiva ou negativa, foi “Diminuir ritmo de trabalho”, visto que nestes casos, não ficou claro, se os sujeitos queriam diminuir o ritmo de trabalho, porque queriam realizar outros projetos ou se assim o queriam, visto que estão já exaustos ou sem tempo, ou ainda se representam um indicador da falta de perspectiva dos mesmos, ao associar a velhice ao sedentarismo ou a uma conduta passiva diante da vida.

- *“Visão Social”*

No tema relacionado à questão social, à título de investigar se os participantes se julgavam privilegiados ou desfavorecidos por englobarem o grupo de pessoas idosas, atualmente em seu país, interrogou-se sobre como eles julgavam a situação do idoso no Brasil e, posteriormente, foram solicitadas as justificativas para este posicionamento. A abordagem foi direta, através da pergunta “O que está melhor ou pior?”.

No que se refere à comparação da situação do idoso no Brasil entre hoje e antigamente

- 76,9% se mostrou otimista, manifestando uma visão de velhice mais feliz e confortável nos dias de hoje.
- 11,5% afirmaram que acredita que a situação dos idosos no Brasil está em parte melhor, em parte pior
- 7,7% dos professores afirmaram que esta situação está pior nos dias de hoje
- 3,8% da amostra assinalaram a alternativa “Outras respostas”.

As razões relacionadas à situação no Brasil estar melhor nos dias de hoje, constam abaixo:

- “Leis, direitos e políticas públicas favoráveis aos idosos” (28,1%),
- “Avanços na medicina” (12,3%)
- “Diferença quanto a idade de ser considerado mais velho” (8,8%)
- “Mais atividades, oportunidades e programas voltados à maturidade” (8,8%)
- “Melhores condições de vida” (8,8%)
- “Mais respeito, consideração e reconhecimento” (7,0%)
- “Mais preparo para envelhecer e discussão do tema” (7,0%)
- “Mais preocupação, mais cuidado” (5,3%) com esta parte da população
- “Idosos estão mais ativos, mais auto-suficientes” (3,5%)
- Presença da “Tecnologia” na vida de todas as pessoas (1,8%)

Já as razões que levaram os sujeitos a considerar pior, a situação dos idosos no Brasil hoje em dia, foram distribuídas da seguinte forma:

- 3,5% da amostra responderam que há “Mais falta de consideração e respeito”
- 1,8% afirmaram que as “Condições políticas estão piores”

- 1,8% dos professores responderam, respectivamente que razões relacionadas a estar pior se referem ao fato de que “Idoso precisa trabalhar” e que, hoje, há certa “Patologização da velhice”.

Um próximo tópico que se considerou importante para este estudo foi a percepção que os participantes têm de como os jovens enxergam os idosos. Os dados referentes a este tema foram coletados por meio da pergunta “Como o (a) senhor (a) acha que os jovens vêem os idosos?” e seus resultados são:

- Respostas que atribuíram sentidos negativos à imagem dos idosos por parte da população jovem brasileira (49,9%):
 - “Com desconsideração, desrespeito e pouca atenção” (20,6%)
 - “Como velhos” (8,8%)
 - “Com certo distanciamento” (5,9%)
 - “Com falta de respeito e educação” (5,9%)
 - “Com preconceito” (2,9%)
 - “Não tem paciência com os idosos” (2,9%)
 - “Não vêem” (2,9%).
- Respostas com referências intermediárias (35,3%):
 - “Depende do idoso que é visto” (14,7%)
 - “Depende do jovem” (14,7%)
 - “Depende de vários fatores e circunstâncias” (2,9%)
- Respostas dos sujeitos que apontam uma visão generalizada positiva dos jovens, em relação aos idosos, no Brasil (14,6%):
 - “Com menos e/ou sem preconceitos” (8,8%)
 - “Com admiração” (2,9%)
 - “Com respeito” (2,9%)

Estes resultados possibilitaram uma reflexão a respeito de como os professores supõem que os jovens imaginam a velhice, o que pode influenciar na própria imagem que esses professores formam de si, evidenciado pelo fato de não quererem ser vistos como idosos.

Outro tema abordado foi o preconceito em relação a idosos existente no Brasil. Questionou-se a opinião dos sujeitos através da pergunta: “Na sua opinião, no Brasil as pessoas tem preconceito em relação aos idosos?”.

- 50% dos participantes afirmaram acreditar que existe preconceito, em relação aos idosos, no Brasil, no entanto, não soube especificar se há muito ou pouco preconceito
- 23,1% dos professores assinalaram a alternativa de que, no Brasil, “Existe muito preconceito”
- A alternativa “Existe pouco preconceito” foi a escolhida para responder a pergunta por 19,2% dos sujeitos
- 7,7% da amostra respondeu “Não sabe se existe preconceito”

Ainda com foco no tema preconceito, investigou-se a existência de preconceito em relação aos idosos nos próprios professores participantes, utilizando-se a interrogação “E o (a) senhor (a) tem preconceito em relação aos idosos?”.

- “Não tem preconceito” (73,1%)
- “Tem pouco preconceito” (11,5%)
- “Tem preconceito, mas não sabe se muito ou pouco” (7,7%)
- “Tem muito preconceito” (3,8%)
- “Não sabe se tem preconceito” (3,8%)

Como dado qualitativo, a pesquisa mostrou que , na maioria dos casos, aqueles sujeitos que responderam ter algum tipo de preconceito, sempre faziam comentários sobre o que os motivava a responder esta questão, mesmo tratando-se de item de múltipla escolha. Nestes casos, foi notada a justificativa de que o preconceito aparecia, visto que ao deparar com um idoso, havia certa impaciência para lidar com questões da velocidade na realização de tarefas e também com algumas “manias” destas pessoas. Outra referência foi em relação à dificuldade de lidar com o envelhecimento auditivo.

- *“Como concebe a velhice”*

A etapa seguinte do estudo foi a coleta de dados que revelassem como os professores participantes concebem a velhice. Inicialmente, procurou-se investigar quais as características que os professores atribuíam para uma velhice ideal.

- “Manter relações sociais, família e amigos” (18,2%)
- “Ativo, com ocupação do tempo” (14,5%)
- “Com saúde” (14,5%)
- “Com atividades de lazer” (7,3%)
- “Condições financeiras adequadas” (7,3%)
- “Ser independente” (7,3%)
- “Com ausência de limitações” (5,5%)
- “Com uma boa aposentadoria (5,5%)
- “Ter disposição” (5,5%)
- “Trabalhando” (5,5%)
- “Sentir-se útil” (3,6%)
- “Não há velhice ideal” (5,5%), estes afirmaram não acreditar em velhice ideal ou ainda, que nenhuma fase da vida pode ser ideal.

Para se investigar um pouco mais a concepção que os professores têm da velhice e do envelhecimento, procurou-se saber a opinião dos participantes a respeito de mesmas frases apresentadas no Estudo 1 e no Estudo 2.

- “As pessoas de idade não conseguem acompanhar as mudanças do mundo moderno”: 84,6% discordaram da colocação, na maioria dos casos, colocando que essa não é uma afirmativa que se possa generalizar para todos os idosos, uma vez, que é uma variável que depende do ritmo de vida e do interesse de cada pessoa, colocando que o interesse pelas mudanças no mundo moderno não depende da idade. Alguns sujeitos colocaram que essa frase é uma simples ilustração de preconceito em relação aos idosos, uma vez que, nos dias de hoje, esta faixa etária está muito mais “atenada” (sic) no que vêm mudando. Em outros casos, alguns professores discordaram da informação, mas lembraram que, em relação a este assunto, a adaptação é difícil, mas há uma razoável integração. Aqueles sujeitos que concordaram com a afirmação (11,5%) afirmaram que pelo fato de as mudanças estarem muito rápidas, os idosos, realmente, não conseguem acompanhá-las a seu tempo. Tiveram ainda elucidações de que os idosos, em certa idade, costumam se afastar das coisas novas, ficando fechados em suas atividades mais antigas, não havendo interesse pelas mudanças e pelo novo aprendizado.

- “Os idosos têm muita coisa para ensinar”: 76,9% de concordância dos professores que, em sua maioria, afirmaram que as experiências de vida dos mais velhos têm muitos pontos a contribuir com as vivências dos mais jovens, considerando que os mais velhos têm uma visão melhor da vida, uma vez que suas considerações estão amadurecidas. Já os 19,2% dos professores que discordaram das afirmações diziam em suas justificativas que está é uma informação que não pode ser generalizada e pode ser considerada como um mito, uma vez que podem sim ter muitas coisas a ensinar, mas tem muito que aprender com os mais jovens e com as mudanças na sociedade.
- “Os idosos só vivem do passado”: teve uma concordância des 3,8%, sob a justificativa de que muitos idosos vivem sob a ótica de “no meu tempo...”, ou seja, vivem o presente comparando com seu passado. No entanto, a maioria dos professores (92,3%) discordou da afirmação justificando que os idosos têm sim, muitas histórias de vida para narrar e um saudosismo bastante presente, no entanto, conseguem viver olhando para frente, fazendo planos, inseridos em atividades novas e planejando seus futuros.
- “Envelhecer é um privilégio”: 73,1% dos professores tiveram concordância afirmando, principalmente, que a outra condição, a morte, não é uma boa opção, e que o envelhecimento significa vida e, portanto é um privilégio. Estes sujeitos afirmaram também que envelhecer com saúde e cercado de afetos e familiares é um privilégio ainda maior. Alguns sujeitos relataram ainda que envelhecer é a prova de ter conseguido ultrapassar algumas barreiras e mostrar saber lidar com as limitações graduais, sendo portanto, uma conquista. Tiveram outros professores que fizeram questão de salientar que envelhecer bem é um privilégio, e não, simplesmente, envelhecer. Os 26,9% dos professores que discordaram da afirmação tiveram, essencialmente, a mesma justificativa, uma vez que, evidenciaram que o envelhecimento é uma parte da vida, uma realidade biológica e por assim se tratar, de algo natural, não se configura como um privilégio.
- “Os idosos dependem dos outros para tudo”: 92,3% discordaram da afirmação, uma vez que disseram, que apesar de todos dependerem, em certa medida, de outros, os idosos assim tem que se comportar, quando tem alguma limitação física e/ou biológica que os impeça de levar suas vidas sozinhos. Houve

também muitas justificativas de professores que falavam sobre si próprios, colocando que eles não dependem de ninguém para nada. A porcentagem que concordou com a afirmação (3,8%), justificou a escolha, afirmando que muitos assim o fazem, visto que não se preparam para a Terceira Idade.

- “Velhice é o mesmo que doença”: apresentou 100% de discordância, uma vez, que os sujeitos afirmaram que a velhice é uma etapa a ser vivida, um processo natural, sendo assim possível envelhecer com saúde.
- “O desejo sexual desaparece com a idade”: teve 76,9% de discordância dos professores, os quais citaram que para eles isto não é verdade. A grande maioria que discordou da afirmação disse que com a idade o desejo sexual, muda de intensidade, diminui, mas não chega a desaparecer. Alguns citaram, ainda, que este é um fator de depende de pessoa para pessoa. Outros professores (23,1%) afirmaram que ele desaparece sim, visto que há uma alteração hormonal, além do mais afirmaram que a velhice implica em certa degeneração que vai cessando o desejo sexual.
- “Os idosos sentem necessidade de namorar”: 69,2% de concordância e 19,2% de discordância. Aqueles que concordaram afirmaram, em sua maioria, que namorar é uma questão humana, que independe da idade, sendo o ser humano, um ser dependente de carinho e afeto. Salientaram que ter uma companhia para dividir seus problemas e questões torna a vida mais fácil. Já aqueles que discordaram lembraram que está é uma questão que varia de pessoa para pessoa, sendo que não se trata de uma necessidade para sobrevivência. Outros sujeitos relataram não terem observado essa questão nos idosos em geral e ainda outros, que afirmaram não pensarem no assunto, uma vez que estão viúvos há pouco tempo.

- *“Como se sente atualmente”*

O último tema abordado para este estudo foi o “como se sente atualmente”, de forma a se descobrir os sentimentos mais frequentes nas vidas dos participantes.

- “Sensação de realização” (84,6%)
- “Motivação/Interesse” (84,6%)
- “Sente-se aceito pelas pessoas” (73,1%)
- “Calma/Tranqüilidade” (69,2%)

- “Alegria/Felicidade” (69,2%)
- “Disposição” (61,5%)
- “Companheirismo” (65,4%)
- “Cansaço” (53,8%)
- “Impaciência/Irritação” (23,1%)
- “Ansiedade” (19,2%)
- “Saudade do passado” (19,2%)
- “Sente-se um incômodo para os outros” (7,7%)
- “Desânimo” (3,8%)
- “Tristeza” (3,8%)

V- DISCUSSÃO

Esta pesquisa pretendeu comparar opiniões, percepções e concepções de indivíduos pertencentes a três diferentes faixas etárias a respeito do idoso, da velhice e do envelhecimento. Buscou semelhanças e diferenças em suas respostas, considerando o fator faixa etária (idade) dos respondentes e o nível acadêmico atual que ocupam dentro da Universidade.

Os dados obtidos pelas investigações das pesquisas de Iniciação Científica supracitadas sugerem alguns aspectos interessantes sobre os significados de velhice atribuídos pelos indivíduos que compõem a comunidade acadêmica da PUC-SP, aspectos estes que merecem ser discutidos por conta de suas recorrências e relevâncias no espaço universitário e que podem adiantar discussões que podem ser generalizadas para a sociedade. A imagem da velhice, apontada nas pesquisas, é bastante ambivalente em todas as faixas etárias. Estas imagens, no entanto, apresentam sutis diferenças, o que pode nos adiantar alguns aspectos em relação a estes segmentos. A seguir, portanto, será realizada uma análise comparativa sobre o que as três faixas etárias referiram a partir da velhice, do envelhecimento e do idoso, discutindo os principais pontos das afirmações.

É importante começar discorrendo acerca do julgamento que os indivíduos, participantes da pesquisa, têm a respeito da vivência do ser idoso, ou seja, elucidações que os três grupos etários evidenciaram a respeito do que concebem como condições que o indivíduo se depara quando chega a este ponto da existência. De modo geral, a imagem da velhice, para os sujeitos participantes, apresentou caráter ambivalente, como já se disse, em todas as faixas etárias, ou seja, ao mesmo tempo em que apontavam que a velhice é uma etapa como outra qualquer, os participantes da pesquisa, não deixavam de se lembrar das limitações e dos estereótipos sociais, quando se chega a essa fase, opondo perdas e ganhos.

Para a maioria dos indivíduos dos três segmentos etários, na velhice há a ocorrência tanto de coisas boas como de coisas ruins, de maneira igualitária, de modo que não há a predominância de um destes aspectos na vivência desta etapa. No entanto, analisando um pouco mais o material obtido, é possível notar certa diferença nas concepções destes grupos, evidenciada nas respostas fornecidas por eles, no sentido de que os grupos mais jovens (alunos de Graduação e de Pós-Graduação) tiveram como segunda categoria mais respondida aquela de que na velhice existem mais coisas ruins do que coisas boas, evidenciando que uma parte considerável, dos alunos jovens e de meia idade, concebe a velhice como uma fase desprivilegiada. Tal categoria, por sua vez, foi a que menos se configurou como opção de resposta dos professores, que apresentaram como segunda categoria mais freqüente (quase empatada em freqüência com a primeira) a resposta de que “Não tem diferença em ser idoso”, ou seja, para esta parcela de professores, não se pode falar em coisas boas ou ruins, já que é um período vital como qualquer outro.

Neste sentido, apesar de a maioria dos participantes considerarem a velhice como uma fase do desenvolvimento permeada tanto com aspectos bons quanto ruins, ainda pode-se notar uma diferença de opiniões. Os professores, que socialmente já podem ser reconhecidos como idosos, tendem a dizer que não se sentem ou se reconhecem diferentes do que já estiveram em outras fases da vida, já os mais jovens parecem ainda ter dúvidas sobre o futuro que os espera.

Por outro lado, ainda em relação a esta percepção dos professores idosos de que existem tanto aspectos bons como ruins em ser idoso, é possível considerar que tal avaliação aponta para perspectivas positivas em relação a questão do próprio envelhecimento, uma vez que, apesar de ainda existirem imagens e concepções negativas associados a este período, os professores demonstram que não introjetam tais concepções as suas vidas.

É importante ressaltar que mais da metade da amostra dos professores, em pergunta específica sobre considerar-se idoso, respondeu que não se sente idoso, referindo também que se sentem bem com a idade que tem, evidenciando a presença de sentimentos positivos em suas vidas. Alguns deles referiram, inclusive, que se sentem idosos apenas quando a parte biológica lhes impõe alguma limitação, ou seja, quando percebem que não tem o mesmo preparo físico ou sentem uma dor reconhecida e atribuída ao avanço da idade. Este ponto pode levar à reflexão sobre uma concepção negativa da velhice, ou seja, os professores que, pelos critérios estabelecidos pela nossa sociedade, já são considerados indivíduos da Terceira Idade e já poderiam estar vivenciando esta fase, preferem não referir que há coisas boas ou ruins neste período, uma vez que não há diferença em ser idoso. Neste sentido, entende-se que estes professores dizem não ter alcançado uma etapa que conheceram como sendo um período

de perdas e degradações, mostrando que apesar de suas respostas poderem ser inseridas em uma categoria neutra, evidenciam, de maneira similar às respostas fornecidas pelos jovens, uma concepção também negativa relacionada à velhice. Há, portanto, uma recusa em se denominarem como idosos, de forma a não assumir as características de conotação negativa que esse rótulo pode carregar, já que declarar-se como sujeito idoso automaticamente adentra-se em um novo território constituído de estigmas, preconceitos e expectativas.

Este aspecto das respostas também leva à relação a um conceito bastante discutido, na área da Psicologia do Envelhecimento, de que para muitos sujeitos já designados, socialmente, como idosos, “o velho é o outro”. Lopes (2007) diz que a construção da identidade social, ao atribuir a imagem da velhice, para um “outro” que jamais ele, preserva os próprios sujeitos das imagens, sinônimos e adjetivos tidos como desfavoráveis. Supõe-se assim, novamente, que a maioria dos professores apresenta uma atitude negativa diante do envelhecimento, deslocando-se do papel de sujeitos para expectadores da situação. Leal (2011) alcançaram resultados similares em sua pesquisa e enfatizaram que este deslocamento possivelmente aparece por conta do preconceito que os indivíduos mantêm em relação à velhice, que por sua vez, foram desenvolvidos tanto pela experiência pessoal como pela social:

Portanto, a visão da sociedade e de cada indivíduo influencia como e quando os velhos se assumirão como tal, pois as atitudes da sociedade, com relação ao idoso, interferem na sua auto-imagem, determinando as lentes pelas quais se vê a velhice. (p. 07)

A partir deste ponto, pode-se também lançar outra consideração, relacionando as respostas dos professores com os conceitos já expostos neste trabalho, acerca das imagens do idoso e da velhice, uma vez que se pode supor que talvez estes professores não recebam olhares estigmatizadores de seus alunos e de outros indivíduos de seus relacionamentos interpessoais, uma vez que não sentem-se como idosos, podem não estar sendo considerados como idosos. Por outro lado, podemos dizer que estes mesmos olhares seriam pessimistas em relação aos idosos, uma vez que não consideram estes professores, com 60 anos ou mais, como idosos, já que esperam que os indivíduos da Terceira Idade sejam pessoas de imagem decadente, aposentados, inativos e deteriorados.

A tendência na sociedade, hoje, aponta para uma visão negativa da velhice, sendo que muitos indivíduos não se reconhecem pertencentes a este grupo, já que o vêem sob a ótica de uma representação social negativa, ao passo que destacam aspectos positivos em suas vivências atuais, portanto não passíveis de comparação com a noção de velhice que

conhecem. Por outro lado, encontram-se alinhados com o que vem sendo construído acerca do envelhecimento atualmente, em que, como aponta Ávila et al (2007) é possível identificar o surgimento de novos hábitos, novas condutas, crenças e imagens que alteram as concepções que, tradicionalmente, são associadas à etapas mais tardias da vida. No lugar destas tradicionais imagens que relacionavam o envelhecimento somente ao descanso, à quietude e à inatividade, surge um modelo identitário que inclui, em sua definição, o estímulo à atividade, a aprendizagem, a flexibilidade, o aumento da satisfação pessoal e a formação de vínculos afetivos inéditos.

A não identificação com as representações sociais do ser velho e da velhice e a recusa da inclusão no modelo social é notada em grande parte das respostas dos professores, chegando, portanto, a ocorrer a negação da velhice, no sentido de se defender do estigma, por meio da negação da existência de um único modelo de velhice, usando-se da experiência pessoal para desconstruir a imagem imposta. Uma exemplificação destas elucidações, pode ser notada na análise dos resultados dos estudos de Iniciação Científica, referentes aos alunos de Pós-Graduação e aos professores, que confirmam com o exposto, uma vez que, mais da metade dos indivíduos destes grupos consideram que uma pessoa chega à velhice quando começa a sentir limitações ou quando está totalmente dependente dos outros.

Prosseguindo na comparação das opiniões dos alunos e dos professores, uma questão que se mostrou bastante discrepante na apreciação dos resultados gerais das pesquisas, diz respeito a como as faixas etárias mais jovens e anteriores à velhice acham que é ser velho e o que os professores relacionam como aspectos presentes nesta fase. Os alunos da Graduação referiram, em sua maioria, valores positivos ao ser velho, relacionando primeiramente a experiência como uma característica marcante desta faixa etária e seqüencialmente, forneceram respostas que demonstram a percepção mais realista da velhice, configurando-a como uma fase de ambivalência, lembrando-se novamente das coisas boas e ruins que estão presentes. Já os alunos da Pós-Graduação, em sua maioria, referiram que ser idoso é sentir limitações e sofrer preconceito, ou seja, ressaltaram que os aspectos negativos e as perdas são os mais evidentes em suas concepções. Os professores, por sua vez, em sua maioria, responderam a esta questão novamente com as frases de neutralidade, referindo que ser velho é como quaisquer outras fases da vida, e por isso, não teriam nenhuma característica especial para citar ou referiram ainda que não podiam declarar como é ser idoso, uma vez que não se enquadram neste segmento.

Dessa forma, o grupo que mais enfatizou perdas foi o segmento dos indivíduos de meia-idade, enquanto que os dois outros grupos estiveram mais localizados entre os pólos

neutros e positivos em relação ao ser velho. Os alunos de meia-idade, da Pós-Graduação, em sua maioria, evidenciam que para eles, o envelhecimento é representado como um período marcado por enfraquecimento, desgaste e surgimento de limitações, bem como a desvalorização por parte dos outros. Este dado, por sua vez, pode estar relacionado ao fato de que os indivíduos do grupo dos adultos de meia-idade talvez estejam mais próximos da realidade da própria velhice, sendo talvez mais fantasiosos em suas avaliações sobre as características do ser velho, apontando apenas as perdas e declínios inerentes a essa fase. Calderoni (2006) em estudo sobre essa fase, denominada de “Geração Sanduíche” refere que o contato com a velhice do outro mobiliza conteúdos pessoais naqueles que se encontram na etapa anterior, na meia-idade, repercutindo sobre suas vidas. Desta maneira, o contato eminente com o processo de envelhecimento e a perspectiva da própria velhice se configuraria como uma fonte de tensão, uma vez que tais indivíduos podem começar a reconhecer em si os sinais do avanço da idade, mas ainda não notam em sua plenitude, as restrições em seus cotidianos que, socialmente, seriam esperadas para esta faixa etária.

Em relação à experiência, citada pelos alunos da Graduação como um aspecto bom do envelhecimento, pode-se também considerá-la como uma perspectiva salutar, além de ser um aspecto relevante ao se considerar a importância e os benefícios em um relacionamento intergeracional, já citados neste trabalho, uma vez que a experiência é transmitida através da convivência, das trocas que acontecem cotidianamente. Essa integração, certamente, é importante tanto para aqueles que aprendem com estas experiências quanto para aqueles que a estão repassando. Mazutti e Scortegagna (2006) concordam com este ponto e citam:

“(…) cada pessoa tem uma forma própria de ver e perceber o mundo de acordo com sua trajetória de vida e com sua experiência de ser e estar no mundo. Quando a interação acontece na totalidade de cada ser, envolvendo mundos diferentes, torna-se possível descobrir o outro e a si mesmo.”
(p.103).

Com essa aproximação, os alunos podem estar mais dispostos e propensos a perceber que os idosos já foram jovens, podem ter passado por vivências parecidas com as suas e são pessoas como quaisquer outras, permitindo que a aproximação seja mais recorrente e constante. Por meio desta relação, pode ser possível uma transformação recíproca, de forma que a concepção da velhice também se altere, sendo mais viável o desenvolvimento de novas imagens e perspectivas sobre a própria velhice, além do olhar mais afetuoso, solidário e cuidadoso mútuo entre as gerações, dado este favorável para o rompimento de estigmas.

Esses dados apontam para outra reflexão, no sentido de que, apesar de a maioria dos sujeitos dos três grupos pesquisados relatarem que os mais jovens vêem os idosos sob uma ótica negativa, com uma visão majoritariamente preconceituosa e limitante, os dados elucidados pelas pesquisas mostram outra situação, uma vez que quanto mais se avançou em idade (dos alunos de Graduação para os da Pós-Graduação), mais aspectos negativos foram relatados. Os participantes concordaram que os mais jovens não valorizam os idosos, não o respeitam, tratam os com desconsideração e indiferença, exaltando as limitações dessa fase da vida.

Os participantes dos três estudos foram unânimes, em relação à maioria das respostas que forneceram, diante das questões a respeito dos atributos negativos da velhice. Quando perguntados quais as coisas ruins de ser idoso, a resposta mais freqüente, nas três faixas etárias, se referiu às limitações, debilidades e problemas de saúde/doença que são enfrentados quando se chega a essa fase da vida. Nota-se, portanto, que as alterações do envelhecimento são abordadas, prioritariamente, sob o ponto de vista orgânico. Lopes (2007) neste sentido, diz que, abordando o envelhecimento sob o ponto de vista destas modificações, facilmente se fixa o olhar na vida, especialmente nas perdas, e não o processo de desenvolvimento. Além disso, essas respostas relacionadas às limitações parecem razoáveis no conjunto de respostas que se tem até aqui, e que indicam as concepções de velhice para os indivíduos, já que estes aspectos viriam a colocar obstáculos na “vida normal” que associam somente aos não-idosos, ou seja, as limitações aparecem como entraves para uma vida ativa, mais jovem, e realmente, significariam a chegada da velhice, lembrando do ponto colocado como inicial da velhice, para alunos de Pós-Graduação e professores, que se relaciona ao aparecimento de limitações.

Inserir as alterações orgânicas como inerentes ao envelhecimento se configura também como um equívoco, uma vez que doenças e limitações podem ocorrer em qualquer faixa etária, não ocorrendo apenas na velhice, que é sim, apenas uma fase de maior suscetibilidade a essas desordens. Se há um planejamento e movimento do indivíduo em direção a um envelhecimento saudável, com cuidados adequados e controle de possíveis doenças, tais desordens e limitações podem não prejudicar a independência do idoso, permitindo a qualidade de vida durante o envelhecimento até o encontro da finitude da vida, de forma que fica claro que tais alterações são acontecimentos naturais e não aspectos inerentes ao envelhecimento. Dessa forma, é inadequado associar o envelhecimento a doenças e limitações, uma vez que se cria imagens e expectativas inadequadas a esse período da vida: já que as perdas, provavelmente, serão inevitáveis, deve-se tentar incorporá-las como parte do processo de desenvolvimento humano, no qual em todas as fases estão presentes as perdas e

os ganhos. Além disso, Mancianca et al (2008) discutem que a associação da limitação com o envelhecimento não tem indício científico já que obras sobre gerontologia colocam que a maioria dos idosos possui alguma doença crônica degenerativa, no entanto, não são incapazes de continuar desenvolvendo suas atividades diárias. A Organização Mundial da Saúde (OMS) constatou que apenas 10% dos idosos no mundo são dependentes e 25% destes possui alguma limitação.

Por outro lado, apesar de ainda persistirem pontos negativos nos discursos relacionados ao envelhecimento, pode-se vislumbrar novas discussões a respeito desta construção social, à medida que o número de idosos longevos e saudáveis aumenta, consideravelmente, na sociedade, alterando as perspectivas da velhice contemporânea.

Em relação aos aspectos que consideram positivos em ser idoso, as amostras dos alunos de Graduação e Pós-Graduação consideram que a experiência é uma característica boa desta faixa da população. Os professores, por sua vez, consideram que o desenvolvimento de alguns atributos como sabedoria, tranquilidade, segurança, paciência são as coisas boas em ser idoso, além da possibilidade de poder valer-se de algumas vantagens que são oferecidas por lei aos idosos, como o pagamento de meia-entrada em alguns estabelecimentos, ter prioridade em filas, etc. Fica evidente aqui, que os participantes mais jovens acreditam que os idosos têm experiência de vida, podem se beneficiar com este acúmulo de vivências e são merecedores de respeito por isso. Já em relação aos professores fica claro que apesar de muitos sujeitos relatarem que ser idoso é ser como qualquer outro sujeito de outra faixa etária, os participantes demonstram em suas respostas que há sim uma diferença em ser idoso, ou seja, quando se alcança esta etapa de desenvolvimento, percebe-se sim algumas alterações nos atributos pessoais, possibilitado pelo acúmulo de vivências citado pelos alunos. Quando apontam tais elementos positivos, relacionados aos campos sociais, econômicas, culturais e pessoais, os participantes lançam novas perspectivas e demonstram diversos pontos sobre o que significa viver a velhice, a qual não aparece reduzida apenas a perdas e a um processo natural biológico.

Questionados como imaginam a própria velhice, os alunos referiram o desejo de acompanhar a família construída, vivenciar momentos de prazer e ter uma vida saudável; já os alunos de meia-idade afirmaram imaginar uma velhice em que estejam ativos, possam viver momentos de prazer e manter-se atualizados, enquanto que os planos para o futuro dos professores, que já se enquadram como idosos, é poder viajar mais, continuar trabalhando e continuar ativo, realizando as mesmas atividades que realizam atualmente. Tais dados apontam para um suave contraste entre os aspectos apresentados pelos diferentes grupos. Para

os alunos da Graduação e da Pós, o envelhecimento parece ser tratado como uma realidade mais distante, enfatizando-se mais o processo de envelhecer, relacionado à passagem do tempo, que poderá desencadear em uma vida diferente da vivida no momento atual, resultando em uma etapa de inevitáveis mudanças. Já os professores enfatizaram elementos mais ligados ao cotidiano, como atividades desenvolvidas, diversão, trabalho e relacionamentos sociais e familiares. Evidencia-se, portanto, uma diferença entre os aspectos citados por estes grupos, uma vez que os grupos mais jovens parecem relacionar aspectos mais abstratos e os professores aspectos mais concretos relacionados ao cotidiano. Ressalta-se que os professores investem em perspectivas de futuro, alimentando novos planos e pensando em novos projetos, de forma que o social pode passar a ter outra percepção a respeito destes indivíduos, cada vez mais inseridos nos mais diversos espaços.

Em relação à diferença nas perspectivas de futuro, em relação a aspectos mais abstratos, por parte dos alunos, e concretos, por parte dos professores, pode-se hipotetizar que os alunos de Graduação e Pós-Graduação consideram o indivíduo como responsável por sua situação na velhice, responsabilizando o idoso por uma situação positiva ou negativa, negligenciando as dificuldades objetivas e inerentes ao processo de envelhecimento. Por outro lado, tais pontuações não deixam de apontar uma visão positiva do envelhecimento, pois possibilitam que cada sujeito desenvolva as atitudes mais adequadas as suas necessidades e perspectivas.

No entanto, os participantes acreditam que atitudes e percepções negativas acerca dos idosos ainda se fazem presentes em nossa sociedade. Em relação a este preconceito direcionado aos idosos, no Brasil, novamente surgiram diferenças nas respostas entre os alunos de Graduação e Pós-Graduação e as opiniões dos professores, desta vez, em relação à intensidade destes preconceitos que acreditam que muitas pessoas manifestam no tocante à velhice. Os alunos, jovens e de meia-idade, referiram em sua maioria (mais da metade de cada amostra) que no Brasil existe muito preconceito. Já a metade da amostra dos professores referiu que apesar de saber que existe preconceito no Brasil, não sabe se este é muito ou pouco. Quanto ao preconceito próprio em relação ao idoso, a maioria dos indivíduos das três amostras referiu não ter preconceito relacionado a esse grupo. Evidencia-se aqui, portanto, um posicionamento pessimista acerca da visão social do idoso; além disso, o preconceito é expresso pelo “outro” com o qual o participante não se identifica. Similarmente, ao descrito no estudo de Santos (1994) sobre representações sociais da velhice, percebe-se que, em estudos sobre a velhice, há uma prevalência do modelo positivo da velhice e a percepção de que o outro sempre julga o idoso com referências negativas e com certo preconceito.

Cachioni (2008) coloca que os preconceitos podem ser gerados por desconhecimento ou pela desconsideração dos critérios que definem as classes e, também, pelo desconhecimento ou a desconsideração do grau de generalidade e de singularidade dos elementos que as compõem. Nota-se que os participantes da pesquisa não mostram, em sua maioria, preconceitos em relação à velhice, em pergunta direta sobre esta posição e sobre suas crenças a respeito de algumas frases preconceituosas em relação a velhice, como se vê logo abaixo.

Em relação às frases que foram colocadas, a fim de que os participantes concordassem ou discordassem de sua veracidade, as opiniões majoritárias foram as mesmas para os três segmentos etários.

Quanto à sexualidade na velhice, a maioria dos indivíduos das três amostras discordou que o desejo sexual desaparece com a idade, sendo que uma porcentagem maior de professores, em relação aos alunos, discordou dessa afirmativa, demonstrando acreditar no exercício livre e possível da sexualidade na Terceira Idade. Em relação aos relacionamentos, frente à frase “Os idosos sentem necessidade de namorar”, os alunos de Graduação e os professores apresentaram porcentagens semelhantes referentes a suas concordâncias em relação a frase. Já os alunos de Pós-Graduação apresentaram uma porcentagem (quase a maioria dos indivíduos: 90%), claramente maior que esses dois grupos. As respostas diante das duas frases demonstram um olhar para o idoso sob um caráter humano frente aos conceitos estereotípicos do idoso.

Outra frase que apresentou ligeira discrepância nas opiniões dos grupos foi “Os idosos não conseguem acompanhar as mudanças do mundo moderno”. Nesta questão, as respostas que mais se aproximaram foram as dos alunos de Graduação e as dos professores, em que a grande maioria dos sujeitos, quase a sua totalidade, discordou dessa colocação.

Tais respostas frente às frases estigmatizadoras em relação aos idosos mostram um quadro favorável em relação ao envelhecimento no Brasil, uma vez que não há o seguimento de estereótipos, evidenciadas pelas frases de senso comum. Nos três grupos, os participantes justificavam, majoritariamente, que os idosos e a velhice não podiam ser relacionados a estas frases estereotipadas, uma vez que, a vivência e atitudes nesta fase da vida dependiam do indivíduo que a enfrentava ou da condição de vida deste. Percebe-se, portanto, uma divisão dos idosos pelo seu espírito jovem ou velho. Segundo Magnabosco-Martins et al (2008) essa idéia de que é relativo ser idoso, pois depende da cabeça ou do espírito de cada pessoa, vêm de encontro com uma concepção de velhice difundida por Debert (1999) que denomina de “reprivatização da velhice”, na qual somente alguns comportamentos e atitudes são aprovados

para viver bem a velhice, comportamentos estes que dependem do esforço do indivíduo. Ao mesmo tempo em que esta maneira de encarar a velhice favorece novos comportamentos, um posicionamento mais aberto a vida; pode-se incorrer no erro de mascarar problemas, doenças, mazelas e dificuldades, não só físicas, como sociais (preconceito, discriminação, etc.) e o sofrimento de não estar correspondendo ao protótipo de idoso proposto pela sociedade.

Estes últimos dados, apesar de apenas pontuados, vêm corroborar todo o conjunto discutido até aqui a respeito das concepções do envelhecimento para os três segmentos etários, que apontaram uma visão ambivalente referente à Terceira Idade. No entanto, apesar desta similaridade, certa diferença foi notada, de forma que as percepções dos alunos de Graduação em relação aos idosos estão mais centradas no pólo positivo, enquanto que as concepções dos alunos de Pós-Graduação encontram-se, levemente mais voltadas para o pólo negativo. Os professores, por sua vez, procuraram colocar imagens mais neutras acerca da velhice. No entanto, tal posição também foi considerada, em certo ponto, como negativa, uma vez que se evidenciaram como respostas que procuravam afastar os professores do segmento dos idosos ou então buscavam neutralizar as perdas deste processo, o que, no paradigma de desenvolvimento ao longo da vida (*lifespan*) não é adequado, já que o envelhecimento é constituído tanto por perdas como por ganhos.

Os dados permitem também hipotetizar que os alunos de Pós-Graduação talvez estejam vivenciando os mesmos conflitos que já foram enfrentados pelos professores durante a fase de meia-idade. Neste sentido, pode-se dizer também que a tentativa de neutralização acontece porque, com o avanço dos anos, os professores não se depararam com o que temiam e, assim, procuram neutralizar os aspectos negativos. Pode-se também supor que os professores são privilegiados, a partir de seus status profissional, uma vez que, mesmo convivendo com faixas etárias mais jovens demonstram uma posição ativa e desejante.

De forma geral, os indivíduos demonstraram considerar a velhice como uma etapa do processo de desenvolvimento, sendo que alguns elementos da teoria *lifespan*, relativos às perdas e ganhos deste processo mostraram-se presentes, assim como as idéias de atividade, independência e desenvolvimento de atributos.

Pode-se supor que na Universidade, no âmbito das relações acadêmicas intergeracionais estabelecidas, os encontros de diferentes segmentos etários são de grande valia, uma vez que os grupos que compõem a população universitária demonstram realismo frente ao envelhecimento. A Universidade se configura, portanto, como um local para quebra de preconceitos e de revisão e reavaliação de falsas crenças. Além disso, sabe-se que é no

contato com outras pessoas, inclusive de diferentes gerações, que se confirmam os valores e opiniões pré-estabelecidos.

VI- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou conhecer a visão de parte da população acadêmica, do *campus* Monte Alegre da PUC-SP acerca da velhice e do envelhecimento. Os dados obtidos possibilitaram a apreensão de opiniões consensuais em cada segmento etário, mas também revelou certa particularidade de acordo com a idade dos respondentes. Ou seja, foram fornecidas indicações, acerca do processo de evolução das concepções conforme o decorrer da passagem de um grupo etário a outro.

A comparação das opiniões dos três grupos da comunidade acadêmica mostrou que todos eles têm uma percepção que pode ser considerada ambivalente. De modo geral, evidenciou-se que de um lado, há uma visão conservadora e estereotipada da velhice e de outro, observa-se um novo paradigma sobre o envelhecimento, com novas concepções e atitudes, podendo ser notada certa pluralidade intergrupos: os universitários da Graduação pautaram suas opiniões, essencialmente, nas questões ambíguas; os alunos da Pós-Graduação, nas concepções mais negativas, orgânicas e psicossociais; e os professores fundamentaram suas concepções em elementos de neutralidade.

Os participantes mais jovens abordaram uma visão do envelhecimento mais realista, marcada por benefícios e também desvantagens, mencionando por um lado realização às conquistas do passado, alterações positivas na personalidade e por outro, o aparecimento de limitações e o preconceito da sociedade. Já os alunos de meia-idade fizeram referência a uma visão mais estereotipada do envelhecimento: processo marcado por coisas ruins, limitações, mas não deixaram de citar a sabedoria e a experiência acumulada, ou seja, diferenciaram-se ao mencionar mudanças fortes ligadas a aspectos negativos e perdas decorrentes do envelhecimento. Os professores destacaram-se por representar o envelhecimento também como uma fase ambígua, mas diferenciam-se pela menção de sentimentos positivos e uma busca pela neutralização do processo.

A contraposição entre perdas e ganhos refere-se ao contraste entre enfraquecimento, surgimento de limitações e doenças e discriminação social, por um lado; e do outro um reconhecimento de que o idoso acumulou conhecimentos e experiências durante a vida que lhe conferem respeito, bem como a constatação de que o envelhecimento está associado a uma vida mais tranqüila ligada a novas oportunidades de lazer e aproximação da rede social.

Esse resultado é também reproduzido em outros estudos, como indicam Wachelke et al (2008) afirmando que a contraposição entre perdas e ganhos é o principal princípio organizador das percepções sobre o envelhecimento, e segundo esse critério de segmentação as pessoas adotam posicionamentos mais específicos a seus grupos.

Ao observar os sutis contrastes entre grupos geracionais, observa-se uma maior distinção relacionada aos alunos de meia-idade da Pós-Graduação, evidenciando uma percepção entre um envelhecimento estereotipado e uma realidade próxima, aparentando ter receio em relação ao envelhecimento, associando-o com aspectos degenerativos e à perda da vitalidade ligada à passagem do tempo.

Pode-se supor que os elementos realísticos dos mais jovens (alunos da Graduação) podem representar um distanciamento abstrato do processo, para um posterior temor em virtude da percepção da aproximação da velhice, na meia-idade, marcada por negativismo e depois, neutralizada quando a velhice se concretiza, enquanto idade, que desmistifica a nova realidade, sendo que o envelhecimento e a velhice tornam-se elementos mais concretos, ligados à rotina cotidiana e aceitos com maior facilidade, ocorrendo uma adaptação frente às novas condições que a velhice proporciona, abrindo-se modos de vida proveitosos e atalhos para contornar os problemas decorrentes do envelhecimento.

Em síntese, pode-se admitir que, a passos lentos, a visão da velhice vem tomando novos rumos, possibilitando a reconstrução de mitos e estereótipos acerca da velhice. Como já colocado, a Universidade oferece novas vias, se estruturando como oportunidade para a reconstrução destes novos conceitos. O aluno tem acesso a novas formas de envelhecimento, representado por seus professores, que mostram autonomia e qualidade de vida, enquanto o olhar do aluno pode confortar estes professores.

O papel da Universidade é, então, relevante para modificar a imagem do idoso no contexto atual. Por meio da convivência e oportunidade de diálogo entre professores, alunos da Graduação e alunos da Pós-Graduação, há a oportunidades de quebrar preconceitos, rever falsas crenças e reavaliar seu contato.

Os dados deste estudo contrariam a idéia de que graduandos possuem visões majoritariamente negativas sobre a velhice. Ao contrário, sugerem que quanto mais se

convive e se conhece, mais realista e contextualizada é a percepção acerca desse grupo etário, possuidor de características tão heterogêneas.

Estes resultados também precisam ser analisados com cuidado, principalmente em relação a sua generalização, uma vez que os participantes deste estudo têm características específicas, fazem parte da mesma comunidade acadêmica, inseridos dentro de uma mesma instituição, compartilhando, provavelmente, percepções do mundo em comum. Sugere-se, portanto, que futuros estudos que tenham condições diferentes daquelas estudadas aqui, podem contribuir com a generalização de parte dos resultados, e, eventualmente, trazerem outros aspectos ou modos de pensar o envelhecimento. Em outras palavras, futuras investigações deveriam estudar as concepções dos três diferentes segmentos etários em diferentes Universidades e comparar tais resultados.

Conclui-se, então, enfatizando-se a importância do espaço para o diálogo entre gerações, a fim de proporcionar construções de percepções adequadas à realidade que está posta, para que os jovens e as pessoas mais velhas possam formar sua identidade e redimensionar suas experiências vividas de forma significativa. Considerando que tanto os jovens, os indivíduos de meia-idade e os idosos são responsáveis pela modificação da imagem do envelhecimento. É necessária, portanto, a reinvenção da convivência entre as gerações, visando respeito à diversidade etária, assim como novas motivações e interesses frente ao ser idoso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, Ana Helena; GUERRA, Márcia; MENESES, Maria Piedad Rangel. “Se o velho é o outro, quem sou eu? A construção da auto-imagem na velhice. *Pensamiento Psicológico*, v.3, n.8, p.7-18, 2007.

BALTES, P. B. (1995). Prefácio. IN: Neri, Anita Liberalesso (Ed.), *Psicologia do envelhecimento*, p.9-12. Campinas: Papirus.

BATISTONI, Samila Sathler Tavares. Contribuições da Psicologia do Envelhecimento para as práticas clínicas com idosos. *Psicologia em Pesquisa*, Juiz de Fora, v. 3, n.02, p.13-22, jul./dez. 2009.

BATTINI, Elissa; MACIEL, Evelise Martinelli; FINATO, Mariza da Silva Santos. Identificação de variáveis que afetam o envelhecimento: análise comportamental de um caso clínico. *Estudos de Psicologia*, v.23, n.4, p.455-462, dez.2006.

BAUMGARTNER, Bruna. *Significados da velhice: imagens e percepções de professores universitários idosos e alunos de Graduação e Pós-Graduação – Estudo 3*, 2010. 89p. Iniciação Científica - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CACHIONI, Meire; AGUILAR, Luis Enrique. A convivência com pessoas idosas em instituições de ensino superior: a percepção de alunos da graduação e funcionários. *Revista Kairós*, São Paulo, v11, n.1, p.79-104, jun.2008.

CALDERONI, Sila Zugman. *O Mestre em Gerontologia e a Perspectiva da Própria Velhice*. São Paulo, 2006. 532p. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. Disponível em: <<http://www.serasaexperian.com.br/guiaidoso/06.htm>> Acessado em: 01 de dezembro de 2010.

CARDIM, Marisa Furtado Mozini. A gerontologia como ferramenta de enfrentamento da mudança do perfil populacional. *Revista Kairós*, Caderno Temático 4. São Paulo, p.71-82, agosto, 2009.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Fapesp, 1999.

ERBOLATO, Regina Maria Prado Leite. Relações sociais na velhice. In: Freitas, Elizabete et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogae, 2006.

EZEQUIEL, Maria Cristina Diniz Gonçalves; SONZOGNO, Maria Cecília. O idoso e a velhice sob a ótica de estudantes de Medicina: um estudo de representações sociais. *Psic. da Ed.*, São Paulo, v. 23, p. 123-153, jul./dez. 2006.

FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva; CACHIONI, Meire; YASSUDA, Monica Sanches. Contribuições da Psicologia à Gerontologia: reflexões sobre ensino, pesquisa e extensão. *Revista Kairós*, Caderno Temático 4. São Paulo, p.43-58, agosto, 2009.

FERRIGNO, José Carlos. A co-educação entre gerações. In: CONGRESSO CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 11, 2003, São Paulo. *Revista Brasileira de Educação Física Especial*. São Paulo: 2006. P. 67-69

FERRIGNO, José Carlos. A identidade do jovem e a identidade do velho: questões contemporâneas. In: *Velhices: Reflexões Contemporâneas*. Edição comemorativa dos 60 anos SESC e PUC São Paulo. São Paulo: SESC, PUC, 2006, p.11-23.

FREITAS, Elizabete; PY, Ligia; CANÇADO, Flávio; GORZONI, Milton; DOLL, Joannes. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogae, 2006.

IBGE. *Síntese dos Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da População Brasileira*. Rio de Janeiro, 2009, 252p.

KHOURY, Hilma Tereza Tôrres. Dificuldades e sofrimentos emocionais ao envelhecer. Disponível em: < <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/pforum/ptv53.htm>> Acesso em: 04 de abril de 2011.

LEAL, Viviane Calado Teixeira; ANDRADE, Évora Fabiana Athayde de; QUEIROZ, Jacqueline Travassos de. A influência das experiências sociais na atitude dos idosos em relação ao envelhecimento. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_272.pdf> Acesso em : 04 de abril de 2011.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. Diversidade na velhice: reflexões. In:SESC (org) *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: SESC, 2006, p.87-99.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. Imagem e Auto-Imagem: da homogeneidade da velhice para heterogeneidade das vivências. In: NERI, Anita Liberalesso (org.) *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, Edições SESC, 2007, p.141-152.

MAGNABOSCO-MARTINS, Claudia Regina; CAMARGO-VIZEU, Brigido; BIASUS, Felipe. Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. *Universitas Psychologica*. Bogotá, v.8, n.3, p.831-847, set/dez., 2008.

MANCIA, Joel Rolim; PORTELLA, Vera Catarina Castiglia; VIECILI, Renata. A imagem dos acadêmicos de enfermagem acerca do próprio envelhecimento. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Brasília, v.61, n.2, p. 221-226, mar/abr. 2008.

MARTINEZ, Yeda Lenir Henriques das Neves. *A visão do jovem manauense do ensino médio sobre a velhice e o envelhecimento*. São Paulo, 2007. 136p. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Programa de Estudos Pós- Graduação em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MAZUTTI, Cristiane; SCORTEGAGNA. Velhice e envelhecimento humano: concepções de pré-escolares do município de Tapejara-RS. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, p. 101-112, jul/dez. 2006.

MENDES, Márcia R.S.S. Barbosa *et al* . A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. *Acta paul. enferm.*, São Paulo, v. 18, n. 4, p.422-426, dez.2005.

MINAYO, Maria Cecília. Visão antropológica do envelhecimento humano. In:SESC (org) *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: SESC, 2006, p.47-59.

MORAES, Danielle Souza de; COSTA, Mara Regina da. Quarta idade: será possível envelhecer com dignidade? Disponível em: <<http://guaiba.ulbra.tche.br/pesquisas/2007/artigos/psicologia/265.pdf>> Acessado em: 26 de janeiro de 2010.

MORAIS, Olga Nazaré Pantoja. Grupo de idosos: atuação da Psicogerontologia no enfoque preventivo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, São Paulo, v. 20, n.4, p.846-855, 2009.

MOREIRA, Virgínia; NOGUEIRA, Fernanda Nícia Nunes. Do indesejável ao Inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicol.USP*, v.19, n.1, p.59-79, mar.2008.

NERI, Anita Liberalesso. *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas: Ed. Unicamp, 1991.

NERI, Anita Liberalesso. Psicologia do envelhecimento: uma área emergente. In: NERI, Anita Liberalesso (ed). *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas: Papirus. P. 13-40, 1995.

NERI, Anita Liberalesso. Contribuições da psicologia ao estudo e à intervenção no campo da velhice. *EH- Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, p.69-80, jan/jun.2004.

NERI, Anita Liberalesso *et al.* *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. 1ª Ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, Edições SESC, 2007.

NERI, Anita Liberalesso. *Palavras-chave em Gerontologia*. 3ª ed. Campinas: Alínea, 2008.

OLIVEIRA, Cristina Maria Nunes de. *Relações Intergeracionais: um estudo na área de Lisboa*. Lisboa, 2011. 76p. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa.

OLIVEIRA, Rita de Cassia da Silva; OLIVEIRA, Flavia da Silva. Diferentes concepções sobre a velhice e a visão otimista da Universidade Estadual de Ponta Grossa. *Revista Conexão*. 2010.

PAIVA, Vilma Maria Barreto. A velhice como face do desenvolvimento humano. Disponível em: < http://www.nehscfortaleza.com/artigos_arquivos/artigo_039.htm> Acessado em: 01 de dezembro de 2010.

SOUZA, Carla Medeiros. A intergeracionalidade na escola para vida, 2005. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/a-intergeracionalidade-escola-para-vida>> Acesso em : 10 de abril de 2011.

RIGO, Miriam Jaqueline. O idoso, o estatuto e a visão sistêmica da sociedade. *Monografia apresentada para o 7º Concurso Talentos da Maturidade, do Banco Real, Caxias do Sul, 2005.* Disponível em:

<http://www.bancoreal.com.br/campanha/talentos/7concurso/MO_MIRIAM.pdf>. Acesso em: 23 de março de 2011.

RODRIGUES, Ligia Vertematte. *Significados da velhice: imagens e percepções de professores universitários idosos e alunos de Graduação e Pós-Graduação – Estudo 1*, 2010. 50p. Iniciação Científica - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. *Movimento e Percepção*, Espírito Santo do Pinhal, São Paulo v.5, n.6, p.80-90, jan./jun.2005.

SILVA, Iolete Ribeiro da; GÜNTHER, Isolda de Araújo. Papéis sociais e envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v.16, n.1, p.31-40, jan/abr. 2000.

SILVA, Mariana Cristina de Souza e Silva. *Significados da velhice: imagens e percepções de professores universitários idosos e alunos de Graduação e Pós-Graduação – Estudo 2*, 2010. 70p. Iniciação Científica - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SOUZA, Ana Cristina Satiro de. Somos Urbanos, 2009. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/acessibilidade/acessibilidade45.htm>> Acessado em: 27 de janeiro de 2011.

TORELLY, Ivana Werner de Oliveira. *A influência do trabalho na qualidade de vida do idoso e na sintomatologia depressiva*. Porto Alegre, 2008. 106p. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Biomédica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

WACHELKE, João Fernando Rech et al. Princípios organizadores da representação social do envelhecimento: dados coletados via internet. *Estudos em Psicologia (Natal)*, Natal, v.13, n. 2, p. 107-116, ago.2008.

ZAL, H. Michael. *A Geração Sanduíche: Entre Filhos Adolescentes e Pais Idosos*. Lisboa: Difusão Cultural, 1992.